



BIBLIOTECA · LIBRARY

JANINA



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
UNIVERSITY OF COIMBRA

BIBLIOTECA · LIBRARY

J  ANINA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
UNIVERSITY OF COIMBRA

EDIÇÃO/EDITION

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

EMAIL: IMPRESA@UC.PT

URL: [HTTP://WWW.UC.PT/IMPRESA_UC](http://www.uc.pt/imprensa_uc)

VENDAS ONLINE: [HTTP://LIVRARIADAIMPRESA.UC.PT](http://livrariadaimprensa.uc.pt)

TÍTULO/TITLE

BIBLIOTECA JOANINA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

LIBRARY JOANINA OF THE UNIVERSITY OF COIMBRA

TEXTO/TEXT

CARLOS FIOLHAIS

FOTOGRAFIA/PHOTOGRAPHY

PAULO MENDES

TRADUÇÃO/TRANSLATION

KAREN BENNETT

DESIGN

ANTÓNIO BARROS

INFOGRAFIA/INFOGRAPHICS

CARLOS COSTA

EXECUÇÃO GRÁFICA/GRAPHIC EXECUTION

NSG - NOVAS SOLUÇÕES GRÁFICAS

ISBN

978-989-26-0817-4

ISBN DIGITAL/ DIGITAL ISBN

978-989-26-0694-1

DEPÓSITO LEGAL/LEGAL DEPOSIT

375093/14

1a EDIÇÃO 2013

2a EDIÇÃO 2014

© MAIO 2014, IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA.

© MAY 2014, COIMBRA UNIVERSITY PRESS.

2 . ^a E D I Ç Ã O

PAULO MENDES
FOTOGRAFIA · PHOTOGRAPHY
CARLOS FIOLHAIS
TEXTO · TEXT

BIBLIOTECA · LIBRARY

J  ANINA

UNIVERSIDADE DE COIMBRA
UNIVERSITY OF COIMBRA











PREFÁCIO

A construção da Biblioteca Joanina parece ter obedecido a dois propósitos claros: um rei que quis eternizar-se e uma Universidade que necessitava de espaço para guardar os seus livros.

Pouco tem de inesperado que o 24.º monarca português tenha querido ser objeto de glorificação tão ostensiva, culminando no retrato através do qual o soberano se deixa ver (ou venerar), em pose quase divina. Mais surpreendente é contudo que o rei tenha querido mostrar-se através de uma Livraria. É certo que essa Livraria surge decalcada do modelo de um templo. Ainda assim, trata-se de um edifício destinado a acolher livros e leitores. O desígnio entende-se talvez um pouco melhor se repararmos que, mesmo na sua funcionalidade, do edifício a mensagem se relaciona com uma determinada concepção de Universidade.

O sentido que preside à decoração é fortemente congregador e transpore, sobretudo, nas alegorias representadas nos tetos das três salas, sempre dominados por uma figura central (a Biblioteca, a Sabedoria, a Enciclopédia): a primeira rodeada de elementos geográficos (os quatro continentes que então se conheciam), a segunda de atributos imanentes e transcendententes e, finalmente, a terceira envolvida pela pluralidade de saberes. E se boa parte da mensagem se relaciona com o espírito da época (o programa iluminista dava então os seus primeiros passos na Europa), existe uma dimensão menos datada, que ainda hoje nos interpela.

De facto, no início do século XVIII, entendia-se que a Biblioteca constituía o âmago da instituição universitária. Antes de mais, essa centralidade convertia-se numa dinâmica de progresso: era muito necessário, desde logo, que estudantes e lentes convivessem com os livros que então se imprimiam (o Reitor estava estatutariamente obrigado a gastar, cada ano, uma verba considerável para o efeito), evitando assim uma tendência cristalizadora e imobilista. Mas a função da Biblioteca ia mais além, abrangendo o diálogo nobre que se estabelecia entre os diversos saberes. De facto, para além da soma das matérias professadas em cada Faculdade, a Biblioteca cumpria o ideal supremo da Universidade: o de reunir todos os saberes num mesmo espaço concreto.

Um axioma desse tipo que, nesses tempos, não suscitava contestação parece, entretanto, ter deixado de ser consensual. É certo que na história das universidades existiu sempre a convivência tensional entre o saber convergente

PREFACE

There seem to have been two main impulses behind the construction of King John's Library: a king that wished to make his mark on posterity, and a university that needed a space to keep its books.

It is scarcely unexpected that the 24th monarch should have wished to be the object of such ostentatious glorification (indeed, this work culminates in a portrait that presents him in a pose that is almost divine). More surprising, though, is the fact that he chose to do this through a library. And although this particular library has clearly been modelled on a temple, it is nevertheless a building designed for books and readers. This perhaps becomes a little more comprehensible when we realise that the building, despite its functionalism, contains a message that is related to a particular concept of the university.

The décor is very coherent in terms of its significance, which is particularly evident in the allegories on the ceilings of the three rooms. These are all dominated by a central figure (the Library, Wisdom, the Encyclopedia) – the first surrounded by geographical features (the four known continents), the second by immanent and transcendent elements, and the third by the plurality of knowledges. Although much of this message is related to the spirit of the age (the Enlightenment project was then taking its first steps in Europe), there is also a dimension that is less dated and which continues to be very relevant for us today.

At the beginning of the 18th century, the library was considered to be the core of the university institution. This centrality was soon converted into a dynamic of progress: it was necessary for students and masters to familiarize themselves with the books that were being printed at the time (the Rector had a statutory obligation to spend a considerable sum each year for this purpose), in order to avoid the crystallization and stagnation of knowledge. But the Library's function went even further, and concerned the erudite dialogue that was established between all branches of learning. In addition to the various subjects taught in each Faculty, the Library would fulfil the supreme ideal of the University – to gather all these branches of knowledge together in the same physical space.

An axiom of this type, which in those days was uncontested, has now ceased to be consensual. Though there has always been a certain tension between the convergent and more specialised views of knowledge,

e uma outra tendência mais ligada ao saber especializado. Mas nunca como no nosso tempo a predominância da segunda vertente foi tão acentuada.

É essa a principal pergunta que se nos coloca. Devemos retomar a mensagem aglutinante que nela se encontra tão insistentemente retratada? Ou devemos considerá-la ultrapassada, deixando-nos levar pela sedução do saber aprofundado mas de espectro reduzido que entretanto se instalou?

Ao escrever agora sobre a Biblioteca Joanina, com critério e desenvolvimento, Carlos Fiolhais revela a erudição e o espírito inquisitivo que bem lhe conhecemos de muitos outros textos e que fazem dele um dos mais aclamados universitários nacionais. Mas o tom em que o faz não pode esconder o fascínio especial que o tomou desde há muito tempo, em especial ao longo dos sete anos em que dirigiu a Biblioteca Geral da Universidade, assumindo então também os destinos da própria Biblioteca Joanina. Para além da importante informação que reuniu sobre a Casa da Livraria, o que mais impressiona no belo texto que assina é justamente esse vínculo de intenso afeto a que poucos têm resistido.

Apreciação semelhante se aplica a Paulo Mendes, autor de fotografias que não se limitam a reproduzir a realidade visível, já de si esplendorosa. Na sua diversidade, as imagens que obteve constituem uma notável perscrutação das muitas realidades que não se deixam ver com facilidade. Ao longo das salas que integram o piso nobre, sem esquecer os outros dois pisos que se situam abaixo daquele, não faltam, ao mesmo tempo, segmentos óbvios e outros escondidos. Uns e outros foram captados pela objetiva do arguto fotógrafo: e se é verdade que os segundos reclamavam essa atenção desde há muito, não é menos verdade que os primeiros (os mais patentes) justificavam igualmente um trabalho de desvelamento sistemático. Justamente porque, de acordo com o princípio do aparato que tão bem define o estilo do edifício, uma das formas mais eficazes de esconder é mostrar “por excesso”.

A terceira vantagem que este livro proporciona ao leitor é, sem dúvida, um vasto elenco de legendas, abarcando aspetos salientes mas também pormenores que escapam à observação menos atenta. A simples leitura dessas legendas simples e objetivas permite ao leitor ver e compreender a Biblioteca Joanina com o vagar e a penetração que ela reclama, utilizando, em simultâneo, os olhos da inteligência e a sensibilidade do coração.

José Augusto Cardoso Bernardes
Diretor da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

the second has never been so overwhelmingly dominant as it is in our own time.

This is the main question that King John’s Library raises for us. Should we return to that holistic concept of knowledge that is here so insistently portrayed? Or should we view it as outdated, and allow ourselves to be seduced by the more specialised but less ample epistemology that has since become established?

In writing now about King John’s Library at such length and in such detail, Carlos Fiolhais reveals the learning and inquisitive spirit that we know well from his other texts and which have made him one of Portugal’s most acclaimed scholars. But the tone in which he does this cannot hide the special fascination that he has long felt for King John’s Library, particularly during the seven years that he was director of the University General Library (and therefore of this one). In addition to the important information that he has gathered about the Library House, what most impresses us about his beautiful text is precisely the intense affection that he clearly has for it, and which indeed few have resisted.

A similar appreciation is due to Paulo Mendes, the photographer, who has not limited himself to reproducing the visual appearance of the Library, splendid as it is, but has created a remarkable study of many diverse aspects that are not easily glimpsed. Through the various rooms on the main floor, and the other two floors beneath it, there are things that are obvious and others that are more hidden. Both have been captured by the lens of this shrewd photographer: and while the latter have demanded this attention for a long time, the former (the most obvious) also deserve to be systematically unveiled, precisely because, in accordance with the principle of ostentation which so well defines the style of the building, one of the most effective ways of hiding is to display “to excess”.

The third advantage of this book for the reader is undoubtedly the long list of captions, covering details that are less obvious and may otherwise have gone unnoticed. A simple reading of these informative captions will allow the reader to understand King John’s Library with the leisure and penetration that it requires, using not only the eyes of the intelligence but also the sensitivity of the heart.

José Augusto Cardoso Bernardes
Director of the Coimbra University General Library



A BIBLIOTECA JOANINA
Carlos Fiolhais

KING JOHN'S LIBRARY
Carlos Fiolhais

A BIBLIOTECA JOANINA

Carlos Fiolhais

Entra-se, passando da clara luz do dia para a espessa penumbra interior, e o primeiro olhar é de um deslumbramento incrível. O dourado parece estar por todo o lado, o brilho procurando vencer o escuro. A vista habitua-se rapidamente à diminuição luminosa e perde-se no interior da Biblioteca, não sabendo bem para onde olhar, tal é a profusão da folha dourada, que, nos seus primórdios setecentistas, deveria ofuscar. De facto, entrar na Biblioteca é como entrar numa igreja barroca, com a diferença de que, neste templo secular recheado de livros antigos, o Rei ocupa o lugar do Todo Poderoso. Alongando-se na profundidade, em busca de um hipotético altar, a vista acaba por se fixar na mira mais longínqua e encontra o retrato do monarca setecentista que mandou executar a obra, D. João V [1]. É o Rei, num retrato não assinado mas certamente da autoria de Domenico Duprà, um pintor italiano que trabalhou na sua corte, que ocupa o lugar reservado à divindade se acaso estivéssemos numa igreja.

Será preciso que o dono da vista se aproxime e ademais saiba latim para que consiga ler e compreender a inscrição que jaz aos reais pés. Começa assim:

“Regia, quam cernis, speculum tibi prestaet imago...”

Na totalidade, pode-se traduzir por [2]:

*“Neste régio retrato, como em espelho
Vedes quanto este espaço compreende.
Tudo o que de majestoso aqui se ostenta,
Feito é de João Quinto. Eterna seja,
Como o nome do príncipe, a obra sua.”*

O visitante começa agora a perceber a intenção da cobertura em ouro. A Biblioteca devia ser o espelho do rei e este era verdadeiramente poderoso, senhor de um vasto império cuja parcela mais rica era, sem dúvida, o Brasil.

KING JOHN'S LIBRARY

Carlos Fiolhais

As you enter, passing from the clear light of day into the thick interior gloom, you are awe-struck, incredulous. There seems to be gold everywhere, gleaming as if to defeat the dark. Your eyes quickly grow used to the lack of light and lose themselves inside the Library, not knowing where to look, such is the profusion of gold leaf which, in the early 18th century would have been astounding. In fact, entering the Library is like entering a Baroque church, with the difference that, in this secular book-filled temple, the King occupies the place of the Almighty. Peering into the depths in search of the hypothetical altar, you make out the far-off portrait of King John V, the 18th century monarch that commissioned the work [1], occupying the place usually reserved for the divinity. Though unsigned, this portrait is most certainly by Domenico Duprà, an Italian painter who worked at his court.

You need to draw a little closer and to know a little Latin in order to read and understand the inscription beneath the portrait, beginning “

Regia, quam cernis, speculum tibi prestaet imago...”

The whole text may be translated as follows [2]:

*“In this royal portrait, as in a mirror
You see how much this space encompasses.
All that is majestic is here on display,
Is made of John the Fifth. Let his work be eternal,
Like the name of the prince.”*

You now begin to understand the reason for so much gold. The Library is designed to reflect the power of the king, master of a vast empire of which the richest part was undoubtedly Brazil. The gold

O ouro para cobrir a Biblioteca tinha vindo, em boa parte dessa colónia, onde, na década final do século XVII, os bandeirantes tinham descoberto minas de ouro na região que ficou justamente conhecida por Minas Gerais. Era norma da coroa lusitana apoderar-se de “um quinto” do ouro, uma porção assaz significativa embora não exagerada para os padrões fiscais de hoje [3]. O Rei Sol português deveria brilhar mais graças à cobertura dourada da sua Biblioteca. E o seu brilho deveria perdurar para a eternidade. O poder material do Rei, fundado na descoberta e na conquista, foi, no tempo do Iluminismo, acrescentado pelo poder da Sabedoria, não só a Sabedoria ancestral dos autores clássicos e dos padres da igreja mas também a Sabedoria mais recente a respeito de novas terras, novas gentes e novos costumes, que os antepassados daquele Rei tinham com denodo conseguido. Todas essas formas de Sabedoria estavam contidas nos livros que hoje enchem as estantes da Biblioteca.

O nome do monumento nacional é, hoje, a Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra, pois a mandou edificar, por provisão régia, D. João V (este quinto não é do ouro, mas sim da sucessão monárquica) no dia 31 de Outubro de ano da graça de 1716, a solicitação do reitor Nuno da Silva Teles, o segundo com esse nome, que mais não pretendia do que um novo espaço para arrumar os livros da biblioteca universitária [1]. Estes volumes tinham vindo em parte da biblioteca que, conforme consta de uma acta universitária que chegou até nós, já existia no bairro de Alfama, em Lisboa [4], nos idos de 1513 (passaram em 2013 cinco exactos séculos!), mas eram já em tal número que não cabiam na exígua sala, ao lado da actual Sala dos Capelos, que lhes estava reservada no Paço Real, o edifício no topo da colina coimbrã que, por ordem do rei D. João III, tinha passado em 1537 a albergar a mais antiga universidade portuguesa. A primitiva sala estava em estado tão ruinoso que o espólio bibliográfico teve de ser retirado para lugar seguro. D. João V achou que uma nova sala era pouco, pelo que não hesitou em conceder, magnanimamente (fazendo jus ao cognome com que a história o haveria de honrar), uma nova casa para os livros, o edifício que ficou conhecido por *Casa da Livraria* antes de a expressão Biblioteca Joanina ter sido cunhada. Se D. João III tinha cedido o seu próprio Paço para morada do Saber, D. João V acrescentou-lhe uma valiosa ampliação que exprimia do mesmo modo a protecção da coroa a uma instituição de origem medieval que continuava a cumprir o seu mister de formar as elites da nação.

A *Casa da Livraria* foi erguida entre 1717 e 1728 mesmo ao lado da Capela Real do Paço, não sobre um espaço vazio mas sobre as ruínas de uma prisão do século XV, que, em 1773, com a Reforma Pombalina da Universidade, haveria de ser transformada em Prisão Académica. O turista que penetrou nos umbrais da Biblioteca acabará por chegar à Prisão Académica no final da visita à Biblioteca, mas ainda falta muito antes que

used to line the Library had mostly come from that colony where, in the late 17th century, explorers (known as *bandeirantes*) had discovered gold mines in the region that is now known appropriately as Minas Gerais. It was the policy of the Portuguese crown to appropriate a “fifth” of the gold (a portion that is quite significant though by no means exaggerated by today’s fiscal standards [3]). The Portuguese Sun King would shine through his golden library. And that shine would last to eternity. The material power of the king, founded on discovery and conquest, was, in the period of the Enlightenment, enhanced by the power of knowledge, not only the ancestral wisdom of the Classical authors and Church Fathers, but also that more recent knowledge of new lands, new peoples and new customs, which the king’s ancestors had so boldly achieved. All these kinds of knowledge were contained in the books which today fill the shelves of the library.

This national monument is today known as King John’s (or the Joanine) Library because it was commissioned by King John V on 31st October 1716, at the request of the Rector Nuno da Silva Teles (the second rector with this name), who wanted no more than a new space to store the books of the university library [1]. These volumes had in part come from a library which, according to a surviving university statute, had existed in the Alfama district of Lisbon [4] in the bygone days of 1513 (exactly five centuries ago!). However, there were so many of them that they did not fit into the small room reserved for them in the royal palace atop the hill in Coimbra, which in 1537, upon the orders of King John III, had become the home of the oldest university in Portugal. The original room was in such a delapidated state that the books had to be removed for safekeeping. King John V thought a new room would be insufficient, and so he did not hesitate in granting magnanimously (thereby living up to the epithet by which he has been honoured in history) a whole new building to house the books. This was known as the *Casa da Livraria* (“Library House”) until the expression *Biblioteca Joanina* (“Joanine Library”) was coined. So while King John III had given over his own royal palace to be the house of knowledge, King John V added a valuable extension which also expressed the Crown’s protection of an institution that had been founded in the medieval period and which continued to fulfil its mission of educating the nation’s elites.

The Library House was built between 1717 and 1728 next to the Royal Chapel, not on an empty space but over the ruins of a 15th century prison, which was transformed into an Academic Prison in 1773 with the Pombaline Reforms (having crossed the threshold of the library, you will ultimately arrive at the Academic Prison at the end of your tour, though there is still much to be seen before then).

possa comprovar com os seus próprios olhos o que agora aqui se conta. Não havendo suficiente lugar no Paço, foi preciso construir uma ampliação na ala poente do o Pátio das Escolas, ao qual antes se chamou Terreiro, e do qual se desfruta uma generosa vista para o rio Mondego, hoje atravessado pela monumental Ponte Europa, à qual alguns chamam da Rainha Santa.

Antes de ter entrado, o visitante mais atento, ou então mais bem servido por um guia (nada como um guia para nos prender a atenção!), podia ter reparado que, por cima da imponente porta da Biblioteca, numa frontaria em pesado estilo barroco, ladeada por dois pares de colunas jónicas assentes sobre uma plataforma de pedra por onde se acede subindo meia dúzia de degraus, e encimada por um grande emblema das armas reais portuguesas, estava escrita em latim a inscrição que em português se reproduz [2]:



Fig. 1

*“Tal sede aos livros deu Coimbra augusta
Que a fronte lhe coroa a biblioteca.
Da sapiência, ó lusos, eis o alcácer,
Onde por capitães os livros tendes,
Por armas e soldados a fadiga.”*

A Biblioteca era, portanto, a coroa de louros que devia adornar o cimo da cidade e, de facto, vista do rio, do lado da Ponte Europa, a *Casa da Livraria*, eleva-se hoje com altivez sobre o casario que polvilha a colina. Quando essa Casa foi construída, a torre universitária ainda não tinha sido erguida levando a urbe mais perto do céu. O actual vértice da cidade universitária – a Torre com o sino da *Cabra* que chamava os estudantes aos seus deveres académicos e que hoje se destaca bem ao longe, sobressaindo

As there was not enough room in the palace, it was necessary to build an extension on the western wing of what today is known as the Pátio das Escolas (University courtyard), previously called Terreiro (“Yard”), which affords a generous view over the River Mondego, today crossed by the monumental Europa (or “Rainha Santa”) Bridge.

If you were attentive, you may have noticed a Latin inscription over the imposing door of the Library (or perhaps your attention was drawn to it by a guide – there is nothing like a guide for making us notice things!). It is on a Baroque-style frontal, flanked by two pairs of Ionian columns set on a stone platform, accessed by half a dozen steps, and topped by a large emblem of the Portuguese royal coat-of-arms, and may be translated as follows [2]:



Fig. 2

*“This seat for books has august Coimbra given
Whose front crowns the library.
Behold, O Lusitanians, this fortress of knowledge,
Where for captains you have books,
For arms and soldiers, fatigue.”*

The Library was, therefore, the crown of laurels, conceived to adorn the high point of the city. In fact, seen from the river, from somewhere near the Europa Bridge, the Library House stands out haughtily from amongst the other buildings scattered over the hill. When it was constructed, the university tower had not yet been built to raise the city skyline. This tower, with its bell known as the “*Cabra*” (literally “nanny-goat”, though used with the force of “bitch”) which

em relação à Biblioteca - foi mandado construir por ordem do mesmo D. João V logo após a conclusão da *Casa da Livraria*, tendo a obra sido concretizada sob o traço do arquitecto italiano António Canevari com obra a cargo do mestre português Gaspar Ferreira, entre 1728 e 1733 (Fig. 1). Só então ficou completo o que é hoje o retrato panorâmico do recentemente qualificado Pátio das Escolas.



Fig. 3

No início do século XVIII o barroco estava no auge em Portugal e no mundo. E, no quadro da arte barroca, estavam na moda, em particular na Europa Central, as bibliotecas douradas. Em 1722, os jesuítas começaram a construir, no seu grande colégio do centro de Praga, um complexo de edifícios, a biblioteca *Klementinum* (Fig. 2), que hoje é parte da Biblioteca Nacional Checa [5]. Embora muito afastadas geograficamente, o estilo da biblioteca de Praga é aparentado ao da Biblioteca coimbrã. Mas há mais semelhanças. A sala nobre da biblioteca de Praga está próxima de uma torre astronómica dotada com um telescópio, enquanto em Coimbra a Biblioteca está perto da torre da Universidade de Coimbra que, no seu início, terá servido para observações astronómicas, embora apenas à vista desarmada ou com instrumentos rudimentares. Contudo, curiosamente, já existiu no Pátio das Escolas diante da Biblioteca Joanina um Observatório Astronómico (Fig. 3) relativamente apetrechado, que não resistiu porém à fúria do camartelo salazarista, que destruiu boa parte da velha Alta coimbrã (Salazar terá dito que pretendia apenas “limpar as vistas” dos Gerais, onde mora a Faculdade de Direito, para o rio, mas o derrube foi lesão grave do património). Por outro lado, a Biblioteca de Viena, construída pelo arquitecto Fischer von Erlach no Palácio de Hofburg e

summoned students to lessons, is clearly distinguishable from afar and now overshadows the Library. It too was commissioned by King John V after the conclusion of the Library House, and built by the Portuguese master builder, Gaspar Ferreira, between 1728 and 1733, to a design by the Italian architect António Canevari (Fig. 1). Only then did the University courtyard acquire the form that it has today.



Fig. 4

In the early 18th century, the Baroque movement was at its height in Portugal and elsewhere. And within the framework of Baroque art, gilded libraries were in fashion, particularly in Central Europe. In 1722, the Jesuits began to build a complex of buildings in their large college in Prague to house the *Klementinum* library (Fig. 2), today part of the Czech National Library [5]. Despite the geographic distance that separates them, the Prague and Coimbra libraries are very similar in style. But there are other similarities too. The grand room of the Prague Library is close to an astronomical tower with a telescope, while in Coimbra the library is near the University tower, which was also used for astronomical observations (though only with the naked eye or rudimentary instruments). Curiously, there already existed in the *Pátio das Escolas*, prior to King John’s Library, an Astronomical Observatory (Fig. 3) that was relatively well equipped. Sadly, it did not survive the demolitions that took place during the Salazar period (Salazar claimed to be merely “cleaning the view” of the University, but the destruction struck a serious blow to Portugal’s heritage). The Vienna Library, built by the architect Fischer von Erlach in the Hofburg Palace and previously called

antes chamada *Hof Bibliothek* (Fig. 4), é ainda parecida com a Joanina embora a sua amplitude seja bastante superior [6]. Foi erguida de 1722 a 1726 no palácio dos Habsburgos, sendo hoje parte da Biblioteca Nacional Austríaca. A sua proximidade arquitectónica com a de Coimbra poderá ter a ver, para além da contemporaneidade da construção, com o facto de D. João V ter casado com uma princesa austríaca, D. Maria Ana, numa cerimónia que impressionou pela faustosa boda em Viena, um ano após a sua entronização em Lisboa.

Construídas no mesmo estilo barroco e todas elas expoentes do Iluminismo, a Biblioteca de Coimbra emparceira com as de Praga e de Viena no facto de pertencer ao distinto grupo, ainda que fundado em critérios informais, das “*bibliotecas mais belas do mundo*”. As três celebram, no esplendor da sua arte, o Iluminismo Católico, uma doutrina filosófico-religiosa que busca a conciliação da Razão, triunfante através da Revolução Científica, com os ancestrais ensinamentos da Igreja, que floresceram ao longo da Idade Média e, no Renascimento, foram reafirmados com o movimento da Contra Reforma.

No ano de 2011, a Biblioteca Joanina foi considerada pelo sítio norte-americano Twisted Sifter, que escolhe as melhores imagens da Internet, uma das quinze mais belas bibliotecas em todo o planeta [11]. E o mesmo aconteceu noutros sítios da Internet. Quem não a puder visitar, pode, pelo menos, visitá-la numa versão de realidade virtual no sítio (<http://bibliotecajoanina.uc.pt>) para reconhecer que vale bem a pena uma visita ao vivo. Uma versão melhor encontra-se em DVD que pode ser adquirido pelos visitantes, que assim se dão ao luxo de levar a Joanina para casa.

O conde polaco Atanasio Rackzynsky, que foi um perito em arte muito viajado e visitou Coimbra a meio do século XIX, não teve dúvidas em afirmar, após visitar a Biblioteca de Coimbra, que esta era [2]

“... la plus belle, la plus richement ornée que j’aie jamais visitée.”
(“... a mais bela, a mais ricamente ornamentada que eu jamais visitei.”)

Por sua vez, o escritor dinamarquês Hans Christian Andersen, que visitou Coimbra em 1866, ficou também impressionado com a Biblioteca Joanina [8]:

“Vi a esplendorosa capela, a sala do trono e a biblioteca, construída em estilo ‘rococó’, decorada com arcos arrojados, dourados e tectos com frescos.”

No Verão de 1873, a inglesa Lady Catherine Jackson, escritora e consorte de um diplomata, visitou a Biblioteca Joanina [9]:

the *Hof Bibliothek* (Fig. 4), is also like the Joanine Library, though considerably bigger [6]. It was built between 1722 and 1726 in the Habsburgs’ palace, and is today part of the Austrian National Library. Its architectural proximity with the Coimbra library may have to do not only with their contemporaneity, but also with the fact that King John V married an Austrian princess, Maria Ana, in a sumptuous ceremony in Vienna, one year after having ascended the throne of Lisbon.

Indeed, the Baroque Libraries of Coimbra, Prague and Vienna, all exponents of the Enlightenment, form part of a distinguished, if informal, grouping known as the “most beautiful libraries in the world”. In the splendour of their artwork, all three celebrated the Catholic Enlightenment, a philosophical-religious doctrine which sought to reconcile reason (triumphant after the Scientific Revolution) with the age-old teachings of the Church that had flourished throughout the Middle Ages and were reaffirmed in the Renaissance with the movement of the Counter Reformation.

In 2011, King John’s Library was considered one of the fifteen most beautiful libraries in the world by the American website Twisted Sifter, which chooses the best Internet images [11]. The same has happened with other Internet sites. Consequently, anyone that is unable to visit the Library in person may do so virtually (<http://bibliotecajoanina.uc.pt>). An even better version is available on DVD for purchase by visitors, who thus have the luxury of taking the Library home with them.

The Polish count Athanasius Rackzynsky (a well-travelled art connoisseur, who visited Coimbra in the mid-19th century) had no doubts that the Joanine Library was [2]

“... la plus belle, la plus richement ornée que j’aie jamais visitée.”
(“... the most beautiful and richly ornamented that I have ever visited”).

The Danish writer, Hans Christian Andersen, who visited Coimbra in 1866, was also impressed with the Joanine Library [8]:

“I saw the splendid chapel, throne room and the library, built in ‘rococo’ style, decorated with bold arches and gilt work, and frescos on the ceilings.”

In the summer of 1873, the English Lady Catherine Jackson, diplomat’s wife and writer in her own right, visited the Library [9]:

“Mas, a meu ver, a mais notável peça da universidade é a biblioteca. Consiste em vistosa fileira de salas, com galerias repartidas em secções de livros das diferentes línguas. A solenidade de tom dos ornatos diz ao propósito a que são destinadas as salas - um certo silêncio em que se compraz o espírito, e favorece o estudo. Há gabinetes distintos para os académicos premiados que queiram estudar em separado. É grande a livraria, rica de edições raras e manuscritos dos extintos conventos, livros góticos, iluminuras em pergaminho, e coleção de gravuras, algumas antigas e exemplares únicos.”

Em 1960, o historiador de arte francês Germain Bazin haveria de referir-se à Joanina nestes precisos termos [10]:

“La bibliothèqu e la plus fausteuse que j’aie jamais vu”
(«A biblioteca mais faustosa que jamais vi».)

Há um grande mistério associado à Biblioteca: Não se sabe quem foi o arquitecto que desenhou o seu traço. Há quem diga que foi o alemão formado em Itália João Frederico Ludovice (o nome alemão foi aporuguesado), que trabalhou para D. João V na construção do Convento de Mafra ocorrida entre 1717 e 1730 e noutras obras, mas alguns especialistas em história de arte opinam que o estilo dele não se coaduna bem com o da Biblioteca Joanina [13]. O autor da Biblioteca do Convento de Mafra (Fig. 5), outra das mais belas bibliotecas do mundo (D. João V contribuiu, portanto, duplamente para o topo das bibliotecas mundiais), é, porém, o arquitecto português Manuel Caetano de Souza [12]. Já a construção da Biblioteca Joanina ia no primeiro ano quando o mestre português Gaspar Ferreira, o mesmo que haveria de supervisionar a erecção da torre, tomou conta da obra, mas não parece que tenha sido ele, apesar de autor das estantes e outras vastas obras de carpintaria e marcenaria, o autor do “risco” que definiu tão imponente edifício de quatro pisos, que pode ter vindo de Lisboa de autor ainda a desvendar. Certo é que Gaspar Ferreira foi pelo menos três vezes a Lisboa durante a obra, provavelmente para receber orientações.

Mas, reentremos na Joanina, depois desta breve digressão histórica. Um visitante já no interior que tenha lido a inscrição sobrejacente à fachada talvez queira saber qual é a mensagem gravada num dístico em metal, por cima da grande porta de entrada, mas agora do lado interior. Ei-la aqui [2]:

*“A todos este paço se franqueia
De livros adornado: aqui entrando
Os escritores lede, e sereis douto.*

“But to me, the most interesting part of the university was the library. It consists of a fine suite row of rooms, with galleries divided into compartments for books in different languages. There is a pleasant solemnity of tone in the decoration, in harmony with the purposes for which the rooms are designed – a certain repose that leads to thought and is favourable to study. There are separate rooms for those students who, having obtained great honours, desire to pursue their studies in still greater privacy. The library is extensive, and includes many of the choicest books and manuscripts, from the extinct convents; such as rare black-letter volumes, illuminated manuscripts on vellum, and a collection of choice engravings, many of them very ancient and quite unique.”

In 1960, the French art historian Germain Bazin described the Joanine as

“la bibliothèqu e la plus fausteuse que j’aie jamais vu”
(‘The most magnificent library that I have ever seen’) [10].

There is a great mystery associated with the Library: no one really knows who the architect was that designed it. Some say it was the Italian-trained German, John Frederick Ludovice, who worked for King John V on a number of building projects, including the Convent of Mafra (1717-1730); but some art historians claim that the Library is not in keeping with his style [13]. Indeed, the library at the Convent of Mafra (Fig. 5) (also considered to be one of the most beautiful libraries in the world, which means that King John V made a double contribution to this list) was not actually designed by Ludovice but by the Portuguese Manuel Caetano de Souza [12]. Another candidate is the Portuguese master builder, Gaspar Ferreira, who supervised the construction of the tower and took over the works on Library after a year; but although he oversaw the construction of the bookcases and other works of carpentry and wood carving, he does not appear to have been responsible for designing this imposing four-storey building. Indeed, the architect may have been someone in Lisbon, for Gaspar Ferreira made at least three trips there during the course of the building works, quite probably to receive instructions.

But let us return to the Library after this brief historical digression. If you have read the inscription over the façade and passed inside, you may now wish to know the meaning of the verse engraved in metal over the great entrance door on the inside. Here it is [2]:

*“This palace adorned with books
Is open to all: entering here
You may read writers and become learned.*

*E, para o estudo vosso a norma é esta:
- Lê e medite a mente; aponte a pena.”*

Os livros, que “adornam” a Biblioteca, são afinal a razão de ser das bibliotecas, e o carácter público da Biblioteca está aqui anunciado. A Biblioteca devia servir os universitários e todos os outros amantes dos livros. Neste piso, dito nobre, dotado de um balcão em todo o redor excepto na porta e no retrato régio, e nos dois pisos mais abaixo encontram-se cerca de 55.000 livros, todos eles já cuidadosamente contados por mão



Fig. 5

humana, pois estão catalogados com todos o desvelo que é exigido pelas obras propectas em idade. Fazem parte do chamado fundo antigo da Biblioteca universitária, isto é, o conjunto de livros anteriores a 1801: são, portanto, quase todas obras dos séculos XVI a XVIII. Corre o rumor, cuja propagação foi ajudada por um dado falso em folhetos turísticos e até na *Wikipedia*, que a Biblioteca Joanina alberga cerca de 200.000 obras, mas esse número, se pode ter sido verdadeiro nalgum tempo passado, excede largamente a realidade actual. Porém, se hoje são bastantes menos, no ano de 1942 eram bastantes mais: o número de livros foi então calculado situar-se entre 500.000 e 700.000. Foi precisamente essa multiplicação dos volumes que tornou imperiosa a construção de um novo edifício. Desde 1962 que abriu ao público uma outra casa para sede da Biblioteca Geral da Universidade (Fig. 6), o nome hodierno da maior e mais antiga biblioteca da Universidade de Coimbra para a distinguir de outras bibliotecas de Faculdades e de Departamentos, mais pequenas e recentes. O edifício principal da Biblioteca Geral, construído pelo arquitecto Alberto José Pessoa no Largo da Porta Férrea, do lado esquerdo de quem, vindo da Rua

*And for your study, the rule is this:
- Read and let your mind meditate; then point the pen.”*

The books that “adorn” the library are, after all, its *raison d’être*, and the library’s public nature is hereby announced. It was designed to serve the university community and other book lovers. This floor (known as the ‘noble’ or ‘grand’ floor) has a balcony running almost all the way around, while on the two lower floors, there are around 55,000 volumes, all carefully counted and catalogued by hand as



Fig. 6

benefits such ancient works. They form part of the university library’s old book collection (that is, books dating from before 1801), and are thus almost all from the 16th and 17th centuries.

There is a false rumour (spread by tourist leaflets and even *Wikipedia*) that the Joanine Library houses around 200,000 works. However, that figure is considerably in excess of current reality, though it may have been more accurate in the past. Indeed in 1942, the number of books was calculated at between 500,000 and 700,000, which generated the need for a new library building. Hence, in 1962, another building opened, known as the University General Library (Fig. 6) to distinguish it from the various other smaller and more recent faculty and department libraries. The General Library main building, designed by architect Alberto José Pessoa, is located in the Largo da Porta Férrea (on the left of anyone coming from Rua Larga in the direction of the Pátio das Escolas and symmetrically opposite a similar building designed

Larga, se dirige ao Pátio das Escolas e em posição simétrica do edifício semelhante, construído pelo mesmo arquitecto para servir a Faculdade de Letras, tem uma vestibular sala de catálogo, uma grande e airosa sala de leitura e outros espaços de trabalho no edifício. A Biblioteca Geral, que inclui esse edifício e a Biblioteca Joanina, está classificada desde o ano de 2010 como *Património Cultural Europeu* [14], uma marca conferida pela Comissão Europeia também a outros sítios como, em Portugal, a Sé de Braga e o Convento de Jesus em Setúbal e, noutras paragens da Europa, à Acrópole de Atenas, à Praça Capitolina de Roma e à Abadia de Cluny. O edifício moderno da Biblioteca Geral foi construído no lugar onde antes era a Faculdade de Letras, que se limitou, por isso, a passar para o outro lado do Largo. A antiga Faculdade de Letras ocupou, por sua vez, o espaço onde antes esteve o Teatro Académico e onde, recuando mais no tempo, se estabeleceu o Colégio de S. Paulo o Apóstolo, berço do Instituto de Coimbra [15] e da Associação Académica de Coimbra [16], o primeiro uma academia já extinta e a segunda um organismo que hoje continua a fervilhar de actividade. A história urbana e arquitectónica faz-se por camadas sucessivas, com as mais antigas ocultas pelas mais modernas.

Hoje em dia, a Biblioteca Geral da Universidade da Universidade deve abrigar bem mais de um milhão de volumes, contando com as da Joanina e do edifício chamado “novo” (apesar de já ter mais de meio século, em Coimbra cinquenta anos não são nada comparado com os mais de 700 anos que a Universidade possui), aproximadamente o dobro dos que existiam em meados do século XX dada a instituição do depósito legal em 1851 [17], embora só com efeitos práticos a partir de 1932, que manda depositar em Coimbra um exemplar de todas as obras que se publicarem em Portugal. Não é fácil fornecer uma estimativa exacta do número total de volumes, dado o facto de muitas obras e outros documentos, por exemplo importantes fundos doados ou adquiridos, permanecerem ainda por catalogar, em face da escassez de meios para remunerar a mão de obra especializada nessa tarefa. Em Portugal, o recheio total da maior biblioteca universitária só deve ficar aquém do da Biblioteca Nacional de Portugal, que tem o encargo oficial de salvaguardar o património bibliográfico da nação. Mas, se somarmos os acervos de todas as bibliotecas da Universidade de Coimbra, que hoje estão unidos num único catálogo [18-21], o conjunto das bibliotecas de Coimbra constitui uma segunda reserva bibliográfica da nação, com a vantagem de ter maior número de livros estrangeiros.

Os livros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, provenientes de várias origens (em particular dos colégios universitários e das bibliotecas conventuais, quando as ordens religiosas foram extintas em Portugal no ano de 1834), enchem as estantes, por cima e por baixo de um balcão que corre em quase todo o redor do espaço rectangular do Joanina, dividido em

by the same architect to serve the Faculty of Letters): it has a vestibular catalogue room, a large airy reading room, and several other work spaces. The General Library, which encompasses the King’s John Library, has been classified since 2010 as European Cultural Heritage [14], an honour that has also been conferred upon other sites in Portugal such as Braga Cathedral and the Convent of Jesus in Setubal, along with the Acropolis of Athens, Capitoline Square in Rome and Cluny Abbey.

The modern General Library was built on the site previously occupied by the Faculty of Letters, which moved to the other side of the square. The old Faculty of Letters, for its part, occupied the space where, before had been the Academic Theatre, and before that, the College of St Paul the Apostle, cradle of the Coimbra Institute [15] (now extinct) and the Coimbra Students’ Association [16] (still very much alive). Thus, the urban and architectural history is composed of successive layers, with the older ones hidden by the more modern.

Nowadays, the University General Library houses over a million volumes, including those in the King John Library as well as in the so-called “new” building (in Coimbra, fifty years is nothing compared to the 700 years that the university has been in existence). This is approximately double those that existed in the mid-20th century, as the system of legal deposit (which ensures that a copy of all the works published in Portugal is deposited in Coimbra) instituted in 1851, only really came into practical effect in 1932 [17]. It is not easy to supply a precise estimate of the total number of volumes, as many works and other documents (such as important collections that have been donated or purchased) have yet to be catalogued, given the scarce resources available to remunerate the specialized work force necessary for this task. In Portugal, the total collection owned by this, the largest university library in the country, must come second only to that of Portugal’s National Library, which is officially charged with safeguarding the nation’s bibliographic heritage. But if we add together the collections of all the Coimbra University’s libraries, today gathered in a single catalogue [18-21], it would constitute a second national bibliographic reserve, with the added merit of including a larger number of foreign books.

Books from Coimbra University’s General Library (originally from various sources, such as university colleges and monastic libraries, when the religious orders were extinguished in Portugal in 1834) fill the shelves of the Joanine Library, above and below a balcony that runs around all three of the rooms of its rectangular space. Columns shaped

três sucessivos salões. Colunas em pirâmide invertida suportam o balcão como que aliviando, de modo elegante, o peso dos livros.

Desconhece-se, como se disse, o arquitecto da Biblioteca Joanina, embora se conheçam em pormenor (existem as folhas de pagamentos, bem guardadas ao longo dos anos) os nomes de alguns dos principais mestres de obras e artistas. A obra começou a ser realizada no dia 17 de Julho de 1717, contratada que foi a empreitada ao mestre de obras conimbricense João Carvalho Ferreira, tendo ficado pronta, com praticamente todos os interiores finalizados, em 1728, no reitorado de Francisco Carneiro de Figueiroa, que foi separado do de Silva Teles pelo reitorado de Pedro Farinha de Baena [2]. Foram precisos, portanto, três magníficos reitores para completar a empreitada da Biblioteca, enquanto reinava o mesmo monarca. Tendo ocupado o trono com apenas 17 anos, em 1707, D. João V haveria de gozar de um longuíssimo reinado até 1750, o ano em que morreu não só ele mas também o compositor e músico alemão Johann Sebastian Bach, o grande expoente da música barroca. Vale a pena acrescentar que a relação entre D. João V e o mundo da música é maior do que esta fortuita coincidência de datas dá a entender: foi ele que contratou, em 1721, para trabalhar no Paço Real em Lisboa, dando lições à sua filha, o famoso compositor e músico italiano Domenico Scarlatti, fornecendo assim o único motivo até à data (conforme nos assegura o pianista, compositor e estudioso contemporâneo António Pinho Vargas [22]) para que Portugal surja incluído nos principais compêndios que contam a história mundial da música.

Mas de Coimbra seguiu para a corte lisboeta, em 1720, um rapazinho de 16 anos, Carlos Seixas, natural da própria cidade e filho do organista da Sé Velha, que tinha começado muito precocemente a sua carreira como sucessor do seu pai [23]. Scarlatti, tendo-se encontrado com Seixas, não desdenhou do talento musical do seu colega lusitano: não era preciso, segundo ele, terem-no chamado pois Seixas, apesar da sua juventude, lhe podia dar lições. E Scarlatti não permaneceu por cá durante muito tempo, continuando a sua carreira no já então mundo global da música. Uma visita virtual à Joanina pode, portanto, ser acompanhada por uma sonata para cravo de Carlos Seixas. Pode até escolher-se uma das peças do músico coimbrão guardada na forma de manuscrito no rico fundo musical da Biblioteca, um dos maiores tesouros de entre os vários que ela abriga.

Se na área da música, na altura em que Biblioteca se aprontava, era o tempo de Bach e Scarlatti (a que há acrescentar outros nomes grandes, como Vivaldi e Haendel), na área da ciência assistia-se ao triunfo da física newtoniana. Estava a chegar ao fim dos seus dias, coberto de glória, o “*incomparável cavalheiro*” Isaac Newton. O epíteto é do seu primeiro comentador português, Jacob de Castro Sarmiento, um

like inverted pyramids support that balcony, as if elegantly relieving the weight of the books.

Although the architect of the Library is unknown, we do have detailed information about some of the master builders and craftsmen that worked on it (pay slips still exist, having been carefully preserved over the years). Work began on 17th July 1717, contracted to a master builder from Coimbra, João Carvalho Ferreira, and it was ready, with all its interior fittings completed, in 1728. By this time, the rector was Francisco Carneiro de Figueiroa, whose period in office was separated from Silva Teles’ by Pedro Farinha de Baena [2]; hence, three rectors were required to complete the works on the library, while the same monarch reigned.

Indeed, King John V, having acceded to the throne in 1707 at the age of only 17, only died in 1750, the same year as the great German composer and exponent of Baroque music, Johann Sebastian Bach. The relationship between King John V and the world of music is greater than might be suggested by this fortuitous coincidence of dates. It was he that contracted the famous Italian composer and musician, Domenico Scarlatti, to work in the Royal Palace in Lisbon and teach his daughter, thereby providing the only motive to date for Portugal’s appearance in the main compendiums of world musical history (according to the contemporary pianist, composer and scholar, António Pinho Vargas [22]).

But in 1720, a 16-year-old boy from Coimbra, Carlos Seixas, made his appearance at the Lisbon court and soon drew the attention of the Italian composer. He was son of the organist of Coimbra’s Old Cathedral, who had begun his career very early as his father’s successor [23], and was so talented that (Scarlatti said) there was no need for him to have been called; despite his youth, Seixas could have given him lessons. And in fact, Scarlatti did not remain long in Portugal, going on to pursue his career in the already global world of music. If you take a virtual tour of the Joanine Library, you may be accompanied by a harpsichord sonata by Carlos Seixas, or may choose instead one of the musical pieces by this composer kept in manuscript form in the Library’s rich music collection, one of the greatest treasures of the many that it houses.

While it was Bach and Scarlatti (along with other great names like Vivaldi and Handel) that dominated the world of music at the time the Library was being completed, the world of science was witnessing the triumph of Newtonian physics. The “incomparable gentleman”, Isaac Newton, was reaching the end of his days in a blaze of glory. The epithet was given him by his first Portuguese commentator, Jacob de Castro

médico judeu que foi um dos primeiros membros da Royal Society de Londres [24]. Com efeito, Newton faleceu na capital inglesa em 1729, quando era presidente da associação fundada em Londres em 1660, cuja história ficou intimamente ligada à sua: a glória de Newton deve-se à glória da Royal Society e vice-versa. O século XVIII seria não apenas o século em que a mecânica se afirmava, mas também o século em que a electricidade entrava nos salões dos nobres, através de prodigiosas máquinas electrostáticas, cujas descargas a todos punham os cabelos em pé. A lei da electrostática, devida ao francês Charles Coulomb, veio a revelar-se formalmente semelhante à lei da gravitação universal de Newton, mostrando a surpreendente unidade do mundo físico.

Escreveu o reitor que terminou a obra “*com toda a perfeição a Casa da Livraria que é uma das mais magníficas obras que tem este reino*”. No entanto, uma “maldição” da Biblioteca foi o seu continuado encerramento quer ao público universitário quer a outro. Essa abertura demorou aliás um tempo desrazoável. Os anos foram passando, a D. João V sucedeu o seu filho D. José, mas só no tempo do poderoso primeiro-ministro de D. José, o Marquês de Pombal, após o grande terramoto de Lisboa de 1755, a Biblioteca, onde entretanto tinham continuado a chegar várias colecções bibliográficas encomendadas nos melhores sítios, começou a receber a atenção que merecia. Só em 1777 foi nomeado seu bibliotecário o professor de Direito em Coimbra António Ribeiro dos Santos (Fig. 7), que seria mais tarde chamado por D. Maria I a dirigir a Real Biblioteca Pública da Corte em Lisboa. Foi ele que escreveu a *Minuta para o Regimento da Livraria da Universidade de Coimbra* [25], um autêntico projecto de organização de uma Biblioteca que ele queria moderna. Mas só depois da “viradeira” em 1777, isto é, a deposição do Marquês de Pombal ocorrida logo após a morte do rei D. José com a subida ao trono de D. Maria I, a Biblioteca passou a abrir aos estudantes, professores e demais interessados. Antes o seu acesso era apenas ocasional: as autoridades académicas mostravam o deslumbrante espaço, com a esfusante estantaria dourada, a convidados especiais como se mostra um rico quarto ornamentado mas fechado a uma visita mais íntima de nossa casa.

Ribeiro dos Santos foi apenas um dos mais ilustres bibliotecários que dirigiu a instituição. Antes dele, no século XVI, mais precisamente em 1548, tinha sido guarda do cartório e da livraria, então situada numa pequena sala do Paço, que tinha sido de Guarda Roupas do Rei, Fernão Lopes de Castanheda, que se notabilizaria como cronista da Índia, onde passou um bom rol de anos. Depois dele, houve toda uma galeria de nomes notáveis, que, só para falar no século XX, incluíram o filósofo Joaquim de Carvalho, o historiador Damião Peres, o jurista Guilherme Braga da Cruz, o matemático Luís Albuquerque e o

Sarmento, a Jewish doctor that had been one of the first members of the Royal Society of London [24]. In fact, Newton died in the English capital in 1729, when he was president of that association founded in London in 1660, and whose history was so tightly bound up with his own: Newton owed his glory to the Royal Society and vice-versa. The 18th century would not only be the century that affirmed mechanics; it was also when electricity first entered the halls of the nobles through prodigious electrostatic machines, whose discharges would set people’s hair on end. The law of electrostatics, discovered by French scientist Charles Coulomb, was ultimately revealed to be formally similar to Newton’s law of universal gravitation, showing the surprising unity of the physical world.

The rector wrote that work was now finished “*on the Library House with all perfection, for it is one of the most magnificent works in the kingdom*”. However, the Library was cursed to remain closed for an unreasonable amount of time. The years passed; King John V was succeeded by his son King Joseph, and it was only after the great Lisbon earthquake of 1755, in the time of the powerful prime minister, the Marquis of Pombal, that the library, which had continued to receive book collections ordered from the best sources, began to receive the attention that it deserved. In 1777 a librarian was finally appointed, the Law professor António Ribeiro dos Santos (Fig. 7) (later summoned by Queen Mary I to direct the Royal Public Library of the Lisbon Court), who wrote the *Minuta para o Regimento da Livraria da Universidade de Coimbra* [25], a draft of a project for how to organize the library in a modern way. But only after the “turning point” of 1777 (that is, the deposition of the Marquis of Pombal, following the death of King Joseph and the sudden accession to the throne of Queen Mary I) did the Library finally open to students, professors and other interested people. Before this, access was only occasional: the academic authorities would show off the magnificent space with its exuberantly gilded bookcases to special guests much as one might show off a richly decorated room in one’s house that is always kept closed.

Ribeiro dos Santos was only one of the illustrious librarians that directed the institution. Before him, in the 16th century (in 1548 to be precise), Fernão Lopes de Castanheda had been the registrar and keeper of the library housed in a small room in the palace (he had also been Master of the King’s Wardrobe and had made something of a name for himself as chronicler of India, where he had spent a good many years). After him came a whole gallery of notable names, which, in the 20th century, has included the philosopher Joaquim de Carvalho, the historian Damião Peres, the jurist Guilherme Braga da Cruz, the mathematician Luís Albuquerque and

literato Aníbal Pinto de Castro. Cultores de diferentes disciplinas a todos os unia a paixão pelos livros.

A maldição do fecho prolongado de uma biblioteca recém-construída e pronta a abrir-se haveria de repetir anos volvidos com o edifício “novo” (meio século, na escala temporal de uma universidade que tem mais de 700 anos, é uma pequena fatia de tempo!) pois mediaram seis anos antes entre a completude da obra, em 1956, e a sua entrada efectiva ao serviço, em 1962, cumprindo a missão para que tinha sido projectada. Prontos

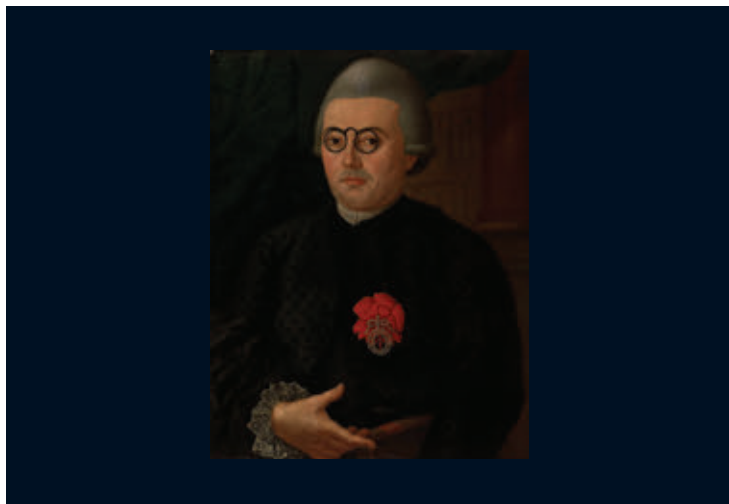


Fig. 7

os edifícios, faltava, tanto no século XVIII, ao longo de décadas, como no século XX, ao longo de alguns anos, faltava tudo o resto para a instituição poder funcionar: regulamentos, orçamento, quadro de pessoal, etc. Valha-nos que, no século XX, a espera foi, apesar de tudo, bem menor.

1772 foi o ano de refundação da história da universidade portuguesa. Nessa data Sebastião José de Carvalho e Melo, o verdadeiro nome do Marquês de Pombal, visitou Coimbra, investido da plenitude do poder real, para entregar ao Reitor Reformador, D. Francisco de Lemos, que era simultaneamente bispo da cidade, os novos Estatutos da Universidade (chamados Estatutos Pombalinos, cujo original se guarda hoje no Arquivo da Universidade, ao lado do edifício da Biblioteca Geral). Foi na altura feito um plano para alargar consideravelmente a Biblioteca. Pensou-se na altura erguer no espaço paralelo ao da Joanina, ocupando o lugar da Capela da Universidade, a chamada Biblioteca Josefina (Fig. 8). No seu conjunto, a Joanina e a Josefina teriam ficado talvez a ser a mais extraordinária biblioteca do mundo, pedindo meças às de Praga e de Viena. Mas

the literary scholar Aníbal Pinto de Castro – representatives of different disciplines, but all united by a passion for books.

The curse of prolonged closure was repeated years later with the “new” building, for six years passed between the completion of the work in 1956 and its effective entry into service in 1962. In both cases, although the buildings were ready, all the other things necessary for the institute to operate (such as regulations, budget, staff, etc) were missing. As we have seen, this situation persisted for decades in the

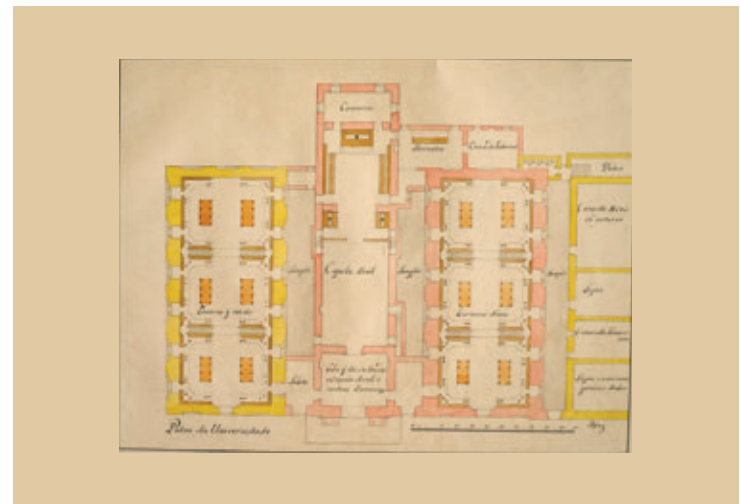


Fig. 8

18th century, so perhaps we are lucky that, in the 20th century, it was only a matter of a few years.

1772 was the year when the Portuguese university was effectively re-founded. On that date, Sebastião José de Carvalho e Melo (otherwise known as the Marquis of Pombal) visited Coimbra, invested with full royal powers to hand over the new University Statutes (the “Pombaline” Statutes, still kept today in the University Archive) to D. Francisco de Lemos, the “reforming” rector, who was also bishop of the city. At the time, a plan was made to considerably enlarge the Library. The idea was to build a space parallel to the Joanine that would occupy the space of the University Chapel and which would be known as King Joseph’s (or the Josephine) Library (Fig. 8). Together, the Joanine and the Josephine would perhaps have formed the most extraordinary library in the world, overshadowing

ainda bem que a Capela não foi sacrificada à glória da melhor biblioteca mundial, pois esse progresso teria sido inimigo da civilização ao destruir a velha capela ao lado da Biblioteca. O progresso tem “*uma grande barriga*”, como alguém disse com propriedade no século XIX quando a construção da Rua Visconde Luz, na Baixa de Coimbra, destruiu uma ábside da igreja românica de São Tiago. O reitor D. Francisco de Lemos conta-nos que a verdadeira razão para a Josefina ter ficado no papel não foi a protecção do património antigo, mas simplesmente a escassez orçamental: “*Sendo porém, as ditas obras de grandes despesas; e havendo necessidade maior dos outros estabelecimentos, a suspendi até ao presente as ditas obras.*” Por outros estabelecimentos estava provavelmente a referir-se ao *Laboratorio Chimico*, hoje sede do Museu da Ciência da Universidade, a adaptação do antigo castelo medieval da cidade a Observatório Astronómico (que precedeu o Observatório em frente da Joanina, pronto só no final do século XIX), sito no actual Largo de D. Dinis, os Gabinetes de Física Experimental e de História Natural, que ocuparam o antigo Colégio de Jesus vago após a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal, o Teatro Anatómico, ainda no Colégio de Jesus mas hoje destruído, etc. As obras pombalinas foram muitas e já não estávamos no tempo de D. João V: o saco do orçamento tinha um fundo.

Mas, voltemos de novo ao interior da Biblioteca, depois desta excursão histórica. As altas estantarias em dois níveis nas três salas contíguas, quase ao nível do Pátio das escolas, exibem uma profusão de elementos decorativos que são obra do artista português Manuel da Silva. Muitos deles são exemplos de *chinoiserie*, o nome consagrado pelos historiadores de arte para designar as decorações com motivos orientais tão próprio do estilo rococó, a evolução que o barroco conheceu no mundo e em Portugal no início do século XVIII [26]. O cosmopolitismo da Biblioteca, que é denotada por essas exóticas imagens, só pode significar a dimensão planetária do império português. A Biblioteca, por ser espelho do Rei, deveria ser também espelho de um império que se estendia da ocidental praia lusitana até aos mares da China. O próprio globo, sob a forma de esfera armilar, está aliás representado numa bandeira por cima do retrato de D. João V.

Alguns pormenores nas estantes documentam a aliança perfeita entre a funcionalidade e a harmonia no *design* barroco: para se subir às tabelas mais altas, retirando livros delas, têm de se usar escadas de mão que permanecem convenientemente ocultas, na vertical, dentro das próprias estantes. E, para se chegar do piso térreo ao piso do balcão, é preciso passar por portas, bem dissimuladas, nos arcos de passagem de uma sala para a seguinte, semelhantes ao pórtico exterior, e subir uma estreita e escura escadaria (existe um moderno elevador, mas apenas de serviço,

Prague and Vienna. But it was just as well that the Chapel was not sacrificed to construct a world-class library, for progress has “a large belly” (as someone put it when the apse of the Romanesque church of St James was destroyed in downtown Coimbra to make way for the Rua Visconde Luz). However, as the rector D. Francisco de Lemos explained, the Josephine Library had remained on paper not to protect the ancient heritage, but for lack of funds: “*As the said works require great expenditure, and as there is a greater need for works in other establishments, I have suspended those works to date.*” By “other establishments”, he was probably referring to projects like: the Chemical Laboratory (today the headquarters of the University Science Museum); the adaptation of the old medieval castle to create an Astronomical Observatory in what is today the Largo de D. Dinis (this preceded the Observatory in front of the Joanine, which was only completed in the 19th century); the Experimental Physics and Natural History Offices (these occupied the former College of Jesus, empty since the expulsion of the Jesuits by the Marquis of Pombal), and the Anatomical Theatre (also in the College of Jesus, though now destroyed). The Pombaline works were extensive, and this was not time of King John V: the money bag was no longer bottomless.

But let us go back inside the Library after this little historical excursion. The tall bookcases occupying two levels in the three adjacent rooms of the library display a profusion of decorative features, the work of the Portuguese artist Manuel da Silva. Many of them are examples of *chinoiserie*, the name given by historians of art to the decorations with Oriental motifs particular to the Rococo style (a Late Baroque movement that flourished in Portugal and elsewhere at the beginning of the 18th century) [26]. The cosmopolitanism denoted by these exotic images surely refers to the global dimension of the Portuguese empire. The Library, as a reflection of the King’s glory, should also mirror the empire that extended from the Western Lusitanian coast to the China Sea. Indeed, the globe itself, in the form of the armillary sphere, is represented on a flag above the portrait of King John V.

Some of the details of the bookcases document the perfect alliance between functionalism and aesthetic harmony in Baroque design. In order to retrieve books from the highest shelves, it is necessary to use ladders, which are stored upright, conveniently hidden within the bookcases themselves. And to get from the ground floor to the balcony level, you have to pass through doors that are cleverly dissimulated in the arches of the passageways leading from one room to the next, and then go up a dark narrow staircase (there is now a modern lift,

que no sítio onde está não pode deixar de nos surpreender). As portas abrem-se numa estrutura de madeira que imita o mármore.

Mas não olhemos só para o alto, olhemos também para o chão, onde curiosos motivos geométricos, com alguma repetição mas não exactamente uniformes como convém à boa harmonia, em xadrez, branco e acinzentado, que uma anacrónica carpete hoje cobre parcialmente para melhor protecção. E olhemos sobretudo para as grandes mesas de trabalho (“bufetes”) usadas *in illo tempore* pelos utentes da Biblioteca e que são verdadeiras obras primas das artes decorativas. Construídas pelo italiano Francesco Realdino, com a ajuda de vários artesãos, segundo um desenho extraordinariamente gracioso, usando madeiras tropicais importadas do Brasil (ébano, gandarú ou petiá), brilham, nos seus tampos, acessórios que nos recordam os processos arcaicos de escrita, designadamente o tinteiro e pena, para além de uma sineta, que servia para chamar o funcionário. Os bancos corridos, de pau santo, não são muito confortáveis, mas a leitura deveria exigir algum esforço físico para além do intelectual para uma mais perfeita união entre o corpo e o espírito. O salão nobre da Biblioteca era a sala de leitura comum. Os bufetes, se hoje são peças de arte observadas por turistas boquiabertos, foram ontem mesas de trabalho diário, onde estudaram, como escolares, nomes famosos como, no século XIX, os escritores Almeida Garrett, Eça de Queiroz, Antero de Quental e tantos outros, nesse século e no seguinte, que frequentaram a Biblioteca da Universidade antes da construção do edifício “novo”. Para os professores ou lentes havia, porém, mais conforto. Dispunham de cadeirões e escrivaninhas individuais em gabinetes laterais, cuja exiguidade era favorável à concentração. Os melhores são os seis que têm vistas para as águas do Mondego, pois tais panoramas faziam repousar os olhos da fadiga das letras. O piso térreo era também o lugar onde ficava o gabinete do director-bibliotecário, à direita de quem contempla o retrato de D. João V, no sítio onde hoje se pode ler *Cimélios*, onde se consultavam os catálogos e onde se mantinham, cuidadosamente resguardadas, as obras mais preciosas. Houve por trás da Capela um outro pequeno edifício pertencente à Biblioteca, mas esse anexo foi destruído logo que o edifício novo da Biblioteca ficou pronto.

O espaço nobre da Biblioteca Joanina é um sítio mágico que tem aparecido em representações de vários tipos ao longo dos tempos. De facto, é uma verdadeira cápsula do tempo pois se conserva praticamente como foi construído no início do século XVIII. Uma fotografia a preto e branco do interior da Joanina foi captada por Charles Thurston-Thompson, fotógrafo inglês que visitou em 1866 Portugal e Espanha para captar imagens exteriores e interiores de alguns monumentos nacionais por encargo do South Kensington Museum, hoje Museu Victoria and Albert, em Londres [27]. A imagem, como outras da Universidade, está integrada num de dois álbuns

for staff use only, located in a very surprising place). The doors open onto a wooden structure made to look like marble.

But let us not only cast our gaze upwards; we should also look down at the floor, which is chequered in white and grey, with curious geometric motifs repeated in a not entirely uniform way as befits good harmony (today this is partially covered by an anachronistic protective mat). Above all we should look at the large tables (“bufetes”), used *in illo tempore* as work stations by the scholars studying in the Library, which are themselves veritable works of art. Constructed by the Italian Francesco Realdino with the help of various craftsmen, they are gracefully designed out of tropical woods imported from Brazil (ebony, gandarú and petia), and their surfaces glitter with accessories which remind us of the archaic processes of writing: the inkwell and plume, as well as a little bell used to call the assistant. The benches in guayacan (“lignum vitae”) are not very comfortable, but reading should perhaps demand some physical as well as intellectual effort for a perfect union of body and mind. The grand room of the Library was the common reading room. The long tables, now art pieces to be gawped at by open-mouthed tourists, were once daily work tables where scholars would study (these included many famous names such as the 19th century writers, Almeida Garrett, Eça de Queiroz and Antero de Quental). For the professors or masters, there was a little more comfort. They had armchairs and individual writing desks in side offices, whose smallness was conducive to concentration. The six best have views over the Mondego, which would have been a relaxing sight for the eyes after the exertion of reading. The ground floor also housed the office of the head librarian, to the right of the portrait of King John V (today marked *Cimélios*, or “Rare books”), where the catalogues and most precious works were kept, carefully preserved. Behind the chapel, there was another small building belonging to the library, but this annex was destroyed when the new library building was ready.

The grand space of King John’s Library is a magical place that has figured in a number of representations over the years. In fact, it is a veritable time capsule, as everything is conserved practically as it was when it was built in the 18th century. The interior of the library was captured in a black-and-white photograph by the English photographer Charles Thurston-Thompson, who visited Portugal and Spain in 1866 to photograph some of the national monuments on the orders of the South Kensington Museum (today the Victoria and Albert) in London [27]. This picture, like others of the university,

de grandes dimensões no espólio da Biblioteca (*Monumentos Architectónicos de Coimbra*, ver pp. 52-53). Essa fotografia que é a mais antiga do interior da Joanina, mostra-nos um espaço perfeitamente idêntico ao actual, como não podia deixar de ser. Uma fotografia é fiel à realidade e a realidade da Biblioteca não foi felizmente modificada pelo “progresso”. Alguns desenhos igualmente fieis da Biblioteca surgem em albums de banda desenhada que fazem dela o seu cenário. Vale a pena referir dois, um de autores estrangeiros e outro de autor nacional. *L’ombre du démon* [28], saído em 1998 na série *Barbe Rouge*, foi desenhado pelos franceses Marc Bourgne (desenho) e Christian Perrisin (cenários). Pertence a uma série de aventuras de um pirata que foi criada originalmente por outros dois artistas franceses, Victor Hubinot (desenhos) e Jean-Michel Charlier (cenário). Nesse livro, um pirata com uma perna de pau irrompe pela Biblioteca de Coimbra em busca de um tesouro (Fig. 9). Num outro livro de banda desenhada, *A Batalha do Buçaco* [29], este da autoria do português José Pires, é mostrada a invasão de Coimbra pelas tropas napoleónicas, uma vez perdida a batalha do Buçaco diante das forças luso-britânicas (Fig. 10). Mas, ao contrário do que faz crer o quadrinho que mostra a soldadesca a vandalizar furiosamente os livros da Joanina, estes franceses não eram tão piratas como o personagem de Bourgne e Perrisin. Apesar de a chave da Biblioteca ter sido dada a oficiais franceses não há registo de avultados furtos. De resto, as obras mais valiosas tinham sido cuidadosamente escondidas, com uma acta [30] a fazer de inventário, quando a cidade foi evacuada antes da invasão francesa.

A Biblioteca tem também entrado na literatura, internacional e nacional, ainda que apenas ocasionalmente. A escritora espanhola Rosa Montero escreveu um romance medieval, *História do Rei Transparente* [31], que faz o leitor crer que o texto original está num manuscrito da Joanina (*Manuscrito de Fausse-Fontevrault circa 1080*), doado em 1770 pelo rei Luís XV da França à Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra. É pura ficção. E o jornalista e escritor português contemporâneo José Rodrigues dos Santos conta também fantasiosamente, no seu romance *A Fórmula de Deus* [32], traduzido em diversas línguas, que um manuscrito de Albert Einstein, entregue a um professor de Física de Coimbra, foi escondido no interior da Joanina, não muito longe do retrato do Rei. A Joanina é assim descrita no romance:

“Ao entrar naquele monumento com quase três séculos sentiu o cheiro do couro que encadernava os manuscritos exalar das paredes ricamente decoradas, misturado com o travo adocicado do papel velho. Diante de si estendiam-se três salões, separados por arcos decorados ao estilo do imponente portal de entrada. A biblioteca dormia à meia luz, um lugar de sombras e silêncio. Todo o interior do edificio encontrava-se coberto de

is included in one of the two large albums in the library’s collection devoted to the architectural monuments of Coimbra (*Monumentos Architectónicos de Coimbra*, see pp. 52-53). This photograph, the oldest one we have of the interior of the library, shows a space that is identical to the present-day one in all respects – as indeed it would have to be, as the library has not, fortunately, been much changed by “progress”. There are also drawings, equally true to life, in comic strip adventures set in the library. Two of these are worthy of mention, one of foreign authorship and the other Portuguese. *L’ombre du démon* [28], which came out in 1998 in the *Barbe Rouge* series, was created by the Frenchmen Marc Bourgne (design) and Christian Perrisin (scenario). In that book, a pirate with a wooden leg bursts into the Coimbra Library in search of treasure (Fig. 9). Another comic strip book, *A Batalha do Buçaco* (“The Battle of Bussaco”) [29] by Portuguese artist José Pires, depicts the invasion of Coimbra by the Napoleonic troops after they have lost the battle of Bussaco to the Luso-British forces (Fig. 10), and shows the soldiers furiously vandalizing the books in the Joanine Library. However, the real-life Napoleonic troops did not behave like this. Although the key to the library was handed over to the French officers, there is no record of wide-scale pillage. In any case, the most valuable works had been carefully hidden, with a record sheet [30] serving as inventory, when the city was evacuated before the French invasion.

The Library has also figured in Portuguese and foreign literature, if only occasionally. The Spanish author Rosa Montero wrote a medieval romance, *História do Rei Transparente* (“History of the Transparent King”) [31], in which the reader is led to believe that the original text is in a manuscript in the Joanine Library (the *Fausse-Fontevrault* Manuscript, dating from around 1080), donated in 1770 by King Louis XV of France to the King John Library of the University of Coimbra. This is pure fiction. Similarly, the contemporary Portuguese journalist and author, José Rodrigues dos Santos, also recounts, fictitiously, in his novel *A Fórmula de Deus* [32] (translated into English as *The Einstein Enigma*), that Albert Einstein had given a manuscript to a physics professor at Coimbra, who had hidden it in the Library, not very far from the portrait of the King. The Library is described in the novel as follows:

“Walking into the nearly three-century-old monument, Thomas inhaled the smell of the leather-bound manuscripts and old paper that lined the richly decorated walls. Stretched out before him were three great rooms, separated by arches similar to the imposing front entrance. The library dozed in half-light, a place of shadows and silence. Two-story shelves with a wooden

prateleiras, viam-se filas e filas de lombadas divididas em dois andares, as prateleiras construídas em belas madeiras, os tectos pintados a misturarem-se harmoniosamente com os dourados e avermelhados da decoração, era sem dúvida ali dentro que o barroco atingia o auge do seu esplendor.”

Falta ainda olhar – e tal deve ser feito com todo o vagar – para os tectos. Aí encontram-se ilusões ópticas (os *trompes l’oeil*) tão ao gosto das igrejas e palácios barrocos. Em qualquer uma das três salas, a nossa vista foge para um prolongamento que é apenas imaginário.



Fig. 9

Algumas colunas pintadas parecem verticais vistas de um sítio, mas já parecem inclinadas vistas de outro. Nas três salas ocupa lugar central a Sabedoria, que é afinal um outro nome para a Universidade, ver pp. 75, 97 e 138. No tecto da primeira sala ela repousa em fofas nuvens e ladeada por pequenas figuras aladas que lhe trazem livros [2]. Na sanca em redor, quatro figuras femininas representam os quatro continentes: Europa, América, África e Ásia. No centro da segunda Sala, a Sabedoria tem uma joeira na mão, gesto que significa o cuidado que é necessário exercer nas pesquisas, e está acompanhada na sanca, por quatro figuras femininas: a Honra, a Virtude, a Fortuna e a Fama. Finalmente, no centro da terceira sala, a Sabedoria tem uma fita que contém uma citação da *Eneida* de Virgílio: “*É impossível penetrar nos segredos da Terra antes de colher da árvore (da ciência) os ramos com folhagem de ouro*”, estando acompanhada na sanca por quatro musas: Teologia e Cânones, Justiça, Ciências Naturais e Artes. Os tectos, ao estilo italiano, têm pinturas a óleo da autoria dos mestres lisboetas António Simões Ribeiro (pintor) e Vicente Nunes (dourador), mas foram restaurados pela Direcção Geral

gallery exhibited rows and rows of spines along every wall, the painted ceilings blending perfectly with the gold and red tones elsewhere in a splendid display of Baroque style.”

We still have not looked up at the ceilings, something that needs to be done at great leisure. They are full of optical illusions, the *trompes l’oeil* so beloved of Baroque palaces and churches. In each of the three rooms, we peer up into an extension that is purely imaginary. Some

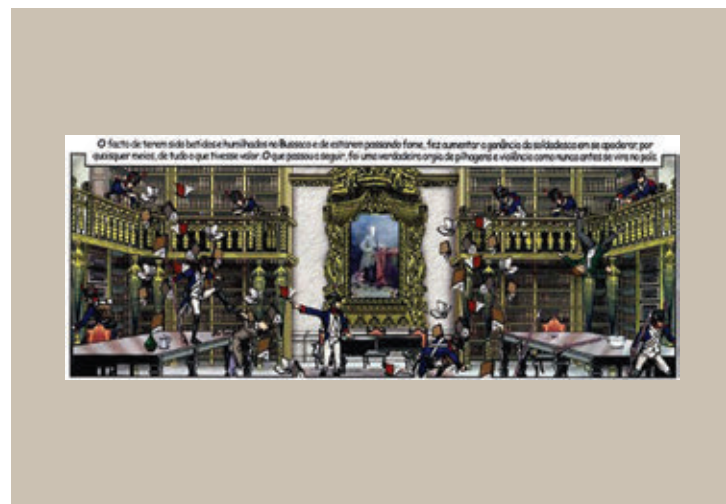


Fig. 10

painted columns seem vertical when seen from one place, but appear to lean when viewed from elsewhere. In each of the three rooms, the central position is occupied by a personification of Wisdom (another name for the University, see pp. 75, 97 e 138). On the ceiling of the first room, she is reclining on fluffy clouds flanked by small winged figures bearing books [2], and the four female figures reclining on the surrounding mouldings represent the four continents: Europe, America, Africa and Asia. In the centre of the second room, Wisdom has a sieve in her hand, signifying the care that is needed to carry out research, and is accompanied on the moulding by four female figures: Honour, Virtue, Fortune and Fame. Finally, in the third room, Wisdom holds a ribbon bearing a quotation from Virgil’s *Aeneid* (“It is impossible to penetrate the secrets of the earth before gathering the golden foliage of the tree [of knowledge]”) and is accompanied on the moulding by four muses, Theology/Canon Law, Justice, Natural Sciences and Arts. The ceilings, in the Italian style, have oil paintings by the Lisbon masters António Simões Ribeiro (painter) and Vicente Nunes (gilder), but were restored by the General Directorate

dos Edifícios e Monumentos Nacionais em 1933, quando o Estado Novo estava a iniciar o seu longo domínio (essas obras, para além do interior, também modificaram um pouco o exterior do edifício).

Tal como são diferentes os tectos das salas também são diferentes as tonalidades de cor das três salas. De facto, elas correspondem a uma divisão dos saberes ensinados na academia. Embora hoje os livros estejam arrumados de forma compacta, respeitando os tamanhos (o lugar de qualquer obra desejada pode ser encontrada no catálogo, podendo todos os livros ser consultados, embora com as devidas cautelas e a necessária supervisão, na Sala de Leitura de Reservados do edifício “novo”), eles estiveram antes arrumados tematicamente pelas três salas. A primeira sala, a de entrada, era ocupada com obras de História e Literatura, a segunda com as de Direito e de Ciências e a terceira com as de Teologia e de Direito Canónico. Os emblemas das Faculdades identificam o espaço, havendo dois por cada sala, sobre os arcos de entrada ou saída, mas eles não coincidem exactamente com a distribuição atrás referida: na primeira sala, Matemática e Medicina; na segunda sala, Cânones e Leis; e na terceira sala, Teologia e Artes. Sobre as armas reais, por cima do retrato de D. João V, encontra-se o emblema da Faculdade mais importante, a de Teologia, facilmente identificada pela cruz. Repare-se como o emblema universitário está por cima do das armas reais, evidenciando a superioridade do poder espiritual sobre o poder temporal. Essa Faculdade foi extinta em 1911, após a implantação da República, sem prejuízo da continuidade de funções da maioria dos seus docentes, que foram integrados na Faculdade de Letras. Nos antípodas dela, nas traseiras da porta da entrada, encontra-se a Faculdade de Matemática, fundada em 1772 por determinação do Marquês de Pombal, ou melhor de D. José, ao mesmo tempo que a Faculdade de Filosofia (Filosofia Natural, entenda-se, isto é, Ciências Físico-Naturais). Não sendo a menos categorizada, a Faculdade de Matemática era decerto a mais moderna e, em Coimbra, a antiguidade é um posto. A Faculdade de Letras, por ter herdado as honras da Faculdade de Teologia, ainda hoje é a que desfila à frente dos coloridos cortejos dos doutoramentos *honoris causa* que, ao som do chamarela, partem da Biblioteca Joanina para a Sala dos Capelos.

Para o historiador de Arte António Filipe Pimentel pode-se chamar à Biblioteca de Coimbra, uma “*biblioteca falante*”, pois ela é “*veículo de um discurso apologético do príncipe e do seu projecto esclarecido*” [33-36]. O projecto era o de um príncipe da época das Luzes, que se mostrava tão interessado nas artes como nas ciências. Se D. João V foi o encomendante dessa jóia do barroco que é a Capela de S. João Baptista, construída em Roma e transportada para a Igreja de S. Roque em Lisboa, foi ele também que mandou vir de Nápoles o padre jesuíta João Baptista Carbone, que

of National Buildings and Monuments in 1933, at the start of the long dictatorship known as the “New State” (these restoration works slightly altered the exterior as well as the interior of the building).

Just as the ceilings of the three rooms differ from each other, so the colour tones are also different. In fact, they correspond to the branches of knowledge taught in the academy. Although the books are today stacked in accordance with their sizes (they are catalogued and may be consulted, with the necessary precautions and supervision, in the “Reserved” Reading Room in the “new” building), they were originally stored thematically across the three rooms. Hence, the first room, near the entrance, was occupied by works of History and Literature, the second by Law and Sciences, and the third with Theology and Canon Law. The faculty emblems identify the spaces; there are two per room, over the entrance or exit arches. However, they do not coincide exactly with the distribution given above: in the first room, Mathematics and Medicine; in the second Law and Canon Law; in the third, Theology and Arts. Over the royal coat-of-arms above the portrait of King John V, we find the emblem of the most important faculty, Theology, easily identified by a cross. It is interesting that the university emblem is placed above the royal arms, indicating the superiority of the spiritual power over the temporal one. That faculty was extinguished in 1911 after the establishment of the Republic, and most of its teaching staff were transferred to the Faculty of Letters. At the other end, behind the entrance door, is the Faculty of Mathematics, founded in 1772 by the Marquis of Pombal (or rather, by King Joseph) at the same time as the Faculty of Philosophy (i.e. Natural Philosophy, meaning the Physical and Natural Sciences). Though held in no less regard, the Faculty of Mathematics was the most modern, and in Coimbra antiquity confers dignity. The Faculty of Letters, having inherited the honours of the Faculty of Theology, is still today the one that parades at the head of the colourful honorary doctorate procession, which leaves the Joanine Library for the Great Hall accompanied by a traditional wind ensemble.

For the art historian, António Filipe Pimentel, the Coimbra Library may be called a “*speaking library*”, as it is the “*vehicle for the prince’s apologia for his enlightened project*” [33-36]. The project was that of an Enlightenment monarch, who was as interested in the arts as in the sciences. King John V not only commissioned Baroque jewels such as the Chapel of St John the Baptist, built in Rome and transported to the Church of St Roque in Lisbon, but also brought the Jesuit priest, João Baptista Carbone, from Naples to found an astronomical

fundou um observatório astronómico no Paço Real em Lisboa, onde o Rei gostava de fazer observações.

“*Mais luz*”, as palavras finais do poeta alemão Johann Wolfgang Goethe, embora proferidas passado quase um século da construção da *Casa da Livraria*, são um bom mote para descrever o projecto do Rei. Mas, por falar em luz, sendo a luz da Biblioteca tão ténue, podemos interrogar-nos como seria possível trabalhar nessa semiobscuridade em tempos anteriores à invenção da iluminação eléctrica. Os gabinetes de estudo mais qualificados eram, como foi dito, junto às janelas e a Biblioteca fechava antes do pôr do Sol. O ambiente no seu interior era e é ameno, em virtude da climatização natural, facilitada pela orientação da casa e pela assinalável espessura (mais de dois metros) das paredes maiores do edifício [37]. Hoje, modernos sensores escondidos nas estantes monitorizam a temperatura do espaço interior ao longo dos dias, permitindo concluir que existe uma notável estabilidade da temperatura. A porta para a entrada de turistas só se pode abrir durante um curto intervalo de tempo para não perturbar as condições microclimáticas que asseguram a preservação dos livros. Por isso mesmo, a entrada dos visitantes faz-se por grupos relativamente pequenos; a presença de numerosas pessoas perturbaria as condições da atmosfera interior.

Mas, falando de ambiente, ainda falta referir o mais extraordinário facto ambiental desta Biblioteca: a permanência no seu interior de uma pequena colónia de morcegos, os quais, decerto provenientes do exterior, encontram um abrigo favorável no cimo dos altas estantes da entrada. Para eles a Biblioteca funciona como uma caverna nas zonas cársticas. Os bibliotecários apreciam a presença destes animais, pertencentes a espécies comuns (conforme foi confirmado pela detecção de ultra-sons e pela recolha de restos biológicos efectuada por especialistas), pois eles são insectófagos, alimentando-se de alguns insectos que poderiam danificar os livros. E é por isso que, todos os dias, ao fim da tarde, quando a Biblioteca encerra as visitas ao público, os funcionários cobrem as mesas com longas capas impermeáveis (essas capas já foram, em séculos passados, feitas de peles vindas da longínqua Rússia), evitando que o guano dos quirópteros danifique, por reacção química, as madeiras exóticas. Os morcegos não aparecem normalmente de dia, mas têm sido vistos quando se realizam, no piso nobre, espectáculos ao fim da tarde ou à noite, como que chamados pelos sons do piano oferecido à Universidade pela Doutora Maria Augusta Barbosa, uma musicóloga que se formou na Alemanha no tempo da Segunda Guerra Mundial, reformou os estudos musicais em Coimbra e morreu quase centenária em Lisboa [38]. Eles gostam de voar pelo amplo espaço aéreo, o que não perturba muito o espectáculo para além da natural curiosidade suscitada pelo bater de asas. O professor universitário e escritor italiano

observatory in the Royal Palace in Lisbon, where he himself liked to make observations.

Indeed, the King’s project could be summed up admirably in the final words of the German poet Johann Wolfgang Goethe (“More light”), though these were uttered almost a century after the construction of the Library House. But, speaking of light, as the light in the Library is so tenuous, we might wonder just how it was possible to work in that penumbra before the invention of the electric light. The better study rooms were next to the windows, as has already been said, and the Library closed before sundown. The atmosphere inside was pleasant, with natural climatization, facilitated by the layout of the building and the remarkable thickness (over two metres) of the largest walls [37]. Today, modern sensors hidden in the bookcases monitor the temperature fluctuations of the interior space over the day, and show that it is remarkably stable. The door used for tourists can only be opened for a few moments at a time so as not to disturb the microclimatic conditions required to conserve the books. Visitors have to enter in relatively small groups, for the presence of numerous people disturbs the atmospheric conditions inside.

But speaking of the atmosphere, we have not yet mentioned the most extraordinary environmental fact of this Library: the continuing presence inside it of a small colony of bats, which have made their home at the top of the tall bookstands near the entrance. For them, the Library functions like a karstic cavern. The librarians appreciate the presence of these animals (which are members of a common species, as was confirmed by ultrasound detection and the analysis of biological remains), as they eat the insects that can damage the books. Thus, at the end of the day, when the Library closes to the public, the staff cover the tables with long waterproof capes (in previous centuries, these capes were made of skins brought from far-off Russia) to prevent the exotic woods being damaged by chemical reactions caused by their droppings. The bats do not usually appear during the day, but have been seen in the evening and night during the concerts that sometimes take place there, as if summoned by the sounds of the piano donated to the University by Dr Maria Augusta Barbosa (a musicologist, who was trained in Germany at the time of the Second World War, reformed music studies in Coimbra, and died in Lisbon aged almost a hundred) [38]. Their flight through the ample aerial space does not disturb the performance, apart from the natural curiosity aroused by the beating of their wings.

Umberto Eco quando, visitou Coimbra em 1996, ficou encantado com os morcegos, tendo divulgado a sua acção em declarações públicas que fez. No seu livro, *A Obsessão do Fogo* [39], escrito em colaboração com Jean-Claude Carrière, retomou depoimentos que já tinha prestado à comunicação social sobre os morcegos na Biblioteca Joanina, escrevendo:

“Agora vou contar-lhes uma história divertida. Visitei a biblioteca de Coimbra, em Portugal. As mesas estavam revestidas de um pano de feltro verde, um pouco como mesas de bilhar. Pergunto as razões dessa protecção. Respondem-me que é para proteger os livros dos excrementos dos morcegos. Porque não eliminá-los? Muito simplesmente porque eles comem os vermes que atacam os livros. Ao mesmo tempo, o verme não deve ser radicalmente proscrito e condenado. É a passagem do verme pelo interior do incunábulo que nos permite saber de que modo as folhas foram ligadas, se não há partes mais recentes do que outras. As trajetórias dos vermes desenham por vezes estranhos padrões que emprestam um certo carácter a livros antigos. Nos manuais destinados a bibliófilos, encontramos todas as instruções necessárias para nos protegermos dos vermes. Um destes conselhos é utilizar o Zyklon B, a mesma substância usada pelos nazis nas câmaras de gás. É certo que mais vale empregá-la para matar insectos do que homens, mas faz uma certa impressão.”

De qualquer modo, a lenda dos morcegos da Joanina, se assenta na realidade, tem sido um bocadinho exagerada. Os turistas de balde os procuram enxergar. E há, de resto, morcegos noutros edifícios antigos em Portugal, a começar logo pela Biblioteca de Mafra.

Mas, percorrido com vagar a sala o nível do Pátio das Escolas e na impossibilidade de subir ao varandim superior onde os livros estariam ao alcance da mão, a continuação da visita consiste em descer ao espaço, chamado intermédio (ou, em alternativa, “*sala quatro*”), da Biblioteca. Aí uma poderosa abóbada suportada em duas enormes colunas quadradas, dá um aspecto mais austero, com a cor da pedra fortemente contrastante com o brilho dourado do espaço superior, ainda que continuando a impressionar. Esta sala de depósito de livros, onde se acotovelam em mais de metade do espaço numerosas estantes mais baixas, tem servido para realizar reuniões, colóquios e exposições temporárias. Aqui vê-se bem a espessura das paredes, patente nas amplas janelas com bancos “namoradeiros” de pedra. A “*sala quatro*” já albergou uma pequena equipa do livro antigo, que avançou no árduo trabalho de catalogar os cimélio: nesta exigente actividade é preciso indicar com precisão os prejuízos que a entropia do tempo inculcou nos livros. Mas que obras se guardam na Biblioteca Joanina?

The Italian writer and professor Umberto Eco was charmed by the bats when he visited Coimbra in 1996, and described their actions in public declarations. In his book “This is not the end of the book” [39], written in collaboration with Jean-Claude Carrière, he reused testimony he had given to the media about the bats in the Joanine Library:

“Now I’m going to tell you a funny story. I visited the library of Coimbra in Portugal. The tables were covered in a green felt cloth, rather like billiard tables. I asked the reason for this. They told me that it was to protect the books from the bat droppings. Why not get rid of the bats? Very simply, because they eat the worms that attack the books. At the same time, the worm should not be radically proscribed and condemned. It is the worm’s passage through the inside of an incunabulum that allows us to know how the pages were connected, if there are parts that are more recent than others. The worms’ trajectories sometimes trace strange patterns that give a certain character to old books. The bibliophiles’ handbooks contain all the necessary instructions for how to protect ourselves against worms. One recommendation is to use Zyklon B, the same substance that the Nazis used in the gas chambers. While it’s clearly better to use it to kill insects than men, it is nevertheless a bit shocking.”

In any case, the legend of the Joanine bats, if based on reality, has been a little exaggerated. Tourists look for them in vain. And in any case, there are also bats in other old buildings in Portugal, starting with the Library of Mafra.

As visitors are not allowed to climb to the upper balcony where the books are within reach, the next stage of the tour is to go down to the so-called intermediary floor (known as Room Four) of the Library. Here a powerful vault supported by two enormous square columns gives a more austere appearance (the colour of the naked stone contrasts strongly with the golden shine of the upper space), although it is still impressive. This book deposit, crammed with numerous smaller bookcases, has served for various meetings, conferences and temporary exhibitions. Here we can clearly see the thickness of the walls, evident in the broad windows with their “lovers’ seats” of stone. “Room Four” has already played host to a small team of old book specialists, who have made progress in the hard work of cataloguing the cimelia. This demanding activity requires indicating the precise damages that books have suffered over time. But what works are kept in King John’s Library?

Trata-se de livros dos séculos XVI a XIX, como já foi dito, sobre variados assuntos. Mas abundam sobremaneira os assuntos religiosos, refletindo a ligação ancestral da Universidade à Igreja: a Faculdade de Teologia era a mais importante e o reitor da Universidade coincidia por vezes com o bispo da cidade, como aconteceu com o reitor reformador D. Francisco de Lemos, que já atrás foi referido. Na Universidade, no corredor por cima da Sala dos Capelos, ainda hoje o visitante pode ver a Sala do Exame Privado, cujas paredes estão completamente preenchidas com retratos de antigos reitores, muitos deles bispos da cidade. Tal como na Sala dos Capelos não há espaço para mais reis, aqui não há espaços para mais reitores. A importante diferença é que os reis terminaram com a República, ao passo que os reitores prosseguem hoje à frente dos destinos da Universidade.

Contudo, as obras mais preciosas da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra não se encontram na *Casa da Livraria*, como outrora, mas sim na casa forte do edifício “novo”. Embora correndo o risco de esquecer outras igualmente notáveis, vale a pena distinguir algumas, digamos uma dezena, por ordem cronológica da sua realização:

1- *Bíblia Hebraica*, manuscrito, do século XV. (pp. 64-65)

Trata-se de uma Bíblia, dita de Abrabanel por ser atribuída à família Abrabanel, à qual pertenceu Isaac Abravanel, o famoso tesoureiro de D. Afonso V que foi obrigado a fugir do país no tempo do rei seguinte, D. João II.

Este livro, comprado na Holanda por um lente coimbrão no século XIX, raríssimo pelo facto de outras semelhantes terem sido queimados pela Inquisição, sem indicação de data e lugar, tem as páginas iniciais manuscritas em letra que, nalgumas páginas, é micrográfica, ao estilo mudejar, confundindo-se a um olhar menos atento com ornatos do livro. Conta o escritor Hans Christian Andersen [8]:

“Vi duas biblias escritas. Em algumas páginas das quais parecia não haver mais do que caracteres cuidadosamente traçados e sem significado algum, mas usando uma lente cada página era uma pequena obra de arte e perseverança; revelava, nos vagos signos, palavras escritas em texto Hebraico, executadas com uma espantosa dedicação e paciência.”

As already mentioned, these are books from the 16th to 19th centuries on various subjects. There is an abundance of works on religious matters, which reflects the ancient connections between the University and the Church. The Faculty of Theology was the most important faculty and the University Rector was often also the Bishop of the city, as occurred with the “reforming rector”, D. Francisco de Lemos, mentioned above. In the the corridor above the Great Hall in the main university building, visitors can still see the Private Examination Room, whose walls are completely covered with portraits of ancient rectors, many of them also city bishops. Just as the Great Hall has no more room for kings, there is no more room here for the rectors. The important difference is that the line of kings came to an end with the Republic, while the rectors continue to head the University.

However, the most precious works of Coimbra University’s General Library are no longer found in the Library House as before, but are kept in the safety of the “new” building. It is worth listing a few of the most significant works (while running the risk of overlooking others), which we will present in chronological order:

1- *Hebrew Bible*, 15th century manuscript. (pp. 64-65)

This bible is known as the Abrabanel Bible because it has been attributed to the Abrabanel family, to which belonged Isaac Abravanel, the famous treasurer of King Afonso V, who was obliged to flee the country in the reign of the next king, John II.

This book, purchased in Holland by a Coimbra professor in the 19th century, is extremely rare, as others like it were burned during the Inquisition. It has no indication of date or place, but its initial pages are covered in script so tiny (in the Mudejar style) that it is not easily distinguishable (to the inattentive) from the decorations of the book. The writer Hans Christian Andersen recounts [8]:

“I saw two written bibles, in some pages of which there seemed to be nothing more than carefully traced characters without any meaning, but using a lens, each page was a small work of art and perseverance; it revealed, in the vague signs, words written in Hebrew script, executed with an astounding dedication and patience.”

2- *Bíblia latina* (de 48 linhas), Mainz: oficina de Johannes Fust e Petrus Schoeffer, 1462, em dois volumes. (p. 66)

Escrita em caracteres góticos, em duas colunas, com iniciais iluminadas. Os seus dois volumes foram impressos nas oficinas de dois sócios de Johannes Gutenberg, Johannes Fust e Petrus Schoeffer, sendo o primeiro livro impresso que contém a data e a marca do editor (o “colófon”), no final do segundo volume. Apesar de ser cerca de sete anos mais recente, esta Bíblia, a quarta edição impressa da Bíblia, é mais rara que a Bíblia original de Gutenberg de 42 linhas, pois das centenas de cópias originais muitas foram parcialmente destruídas chegando muito poucas completas até nós.

3- *Vita Christi*, Ludolfo da Saxónia, Lisboa: Nicolao de Saxonia y Vale[n]tyno de moravia, 1495, em dois volumes (pp. 72-73)

É um das duas centenas de incunábulo (livros impressos entre 1455, data da primeira Bíblia de Gutenberg e 1500) pertencentes à Biblioteca da Universidade e um dos primeiros livros impressos em Portugal (só fica atrás do *Tratado de Confissom*, impresso em português, em Chaves, em 1489, e do *Pentateuco*, impresso em hebraico, em Faro, no em 1487), sendo o primeiro livro ilustrado que foi impresso no nosso país. Foram patronos da obra o rei D. João II e a rainha D. Leonor, a fundadora das Misericórdias. O editor alemão Nicolau de Saxónia associou-se a Valentim da Morávia, que, vindo da Europa Central, foi um dos primeiros tipógrafos em território português.

4- *Tábuas dos Roteiros* de D. João de Castro, manuscrito, 1538-1540. (pp. 88-89)

Este manuscrito inclui uma colecção de desenhos, em aguarela, dos roteiros de *Goa a Diu* (1538-1539) e o *Roteiro do Mar Roxo* (1540) do navegador, físico e vice-rei da Índia, que protagonizou as primeiras medidas de geomagnetismo global a bordo da carreira da Índia. Pode-se observar não só o recorte das costas (qual *Google maps* do século XVI), mas também os pormenores das casas, dos barcos e das pessoas. Outros manuscritos semelhantes encontram-se na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa, e na British Library de Londres. Há uma edição facsimilada comentada por Luís de Albuquerque, grande historiador dos Descobrimientos e ex-director da Biblioteca Geral [40].

2- *Latin bible* (48 lines), Mainz: workshop of Johannes Fust & Petrus Schoeffer, 1462, in two volumes. (p. 66)

Written in Gothic lettering, in two columns, with illuminated initials. The two volumes were printed in the workshops of two of Johannes Gutenberg’s partners, Johannes Fust and Petrus Schoeffer, and it is the first printed book that contains the date and mark of the publisher (the “colophon”) at the end of the second volume. Though it is some seven years more recent than the original Gutenberg 42-line bible, this one, the fourth printed edition, is rarer, as hundreds of original copies were partially destroyed and very few survive.

3- *Life of Christ*, Ludolph of Saxony, Lisbon: Nicolao de Saxonia & Vale[n]tyno de Moravia, 1495, in two volumes (pp. 72-73)

One of the two hundred incunabula (books printed between 1455, the date of the first Gutenberg Bible, and 1500) belonging to the University Library and one of the first books printed in Portugal (before it were only the *Tratado de Confissom*, printed in Portuguese in Chaves in 1489, and the *Pentateuch*, printed in Hebrew in Faro in 1487), and it was the first illustrated book to be published in Portugal. The work was sponsored by King John II and Queen Leonor, the founder of the Holy House of Mercy. The German publisher Nicolau de Saxónia joined forces with Valentim da Morávia, who had come to Portugal from Central Europe and founded one of the first printers in the country.

4- *Logbooks* of D. João de Castro, manuscript, 1538-1540. (pp. 88-89)

This manuscript includes a collection of water colour drawings of the routes from *From Goa to Diu* (1538-1539) and the *Red Sea Route* (1540) by João de Castro, navigator, physicist and viceroy of India, who performed the first global geomagnetic measurements aboard ship to India. These maps show not only the outline of the coast, but also details of houses, boats and people (a kind of 16th-century *Google maps*). Other similar manuscripts can be found in Portugal’s National Library and in the British Library of London. There is a facsimile edition with commentaries by Luís de Albuquerque, the great historian of the Discoveries and ex-director of the General Library [40].

5- *De Humanis Corporis Fabrica*, André Vesálio, Basileia, officina Joannis Oporini, 1543 (primeira edição). (pp. 84-85)

O famoso livro do médico belga André Vesálio *Fábrica do Corpo Humano* foi publicado em Basileia no mesmo ano da saída do não menos famoso livro do astrónomo polaco Nicolau Copérnico, *Da Revolução dos Orbes Celestes*. Os dois livros inauguram convencionalmente a ciência moderna. As gravuras combinam de forma inexecedível ciência e arte: não sabemos que mais admirar, se o rigor da ciência, se a beleza da arte. O exemplar de Coimbra foi restaurado recentemente, com o auxílio da Sociedade Portuguesa de Neurociências, no quadro do programa *SOS Livro Antigo*, mas infelizmente falta o famoso frontispício com a gravura onde o próprio Vesálio diseca um cadáver na companhia de uma assistência numerosa e provavelmente ilustre.

6- *Os Lusíadas*, Luís de Camões, Lisboa: oficina de António Gonçalves, 1572 (primeira edição).

Só há, em todo o mundo, cerca de 30 exemplares da primeira edição do poema maior do maior poeta português. Estão hoje espalhados por oito países, os volumes sobreviventes da impressão de 1572 desta obra épica do que é considerado o maior poeta nacional. Em Portugal só há uma dúzia de exemplares. O exemplar de Coimbra foi comprado pelo Estado Português e oferecido à Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, em 1942, em bom estado de conservação (apesar de estar muito aparado), após o recente restauro financiado pela Fundação Calouste Gulbenkian. Existe uma edição fac-similada [41], com uma *Notícia Bibliográfica* de António Eugénio Maia do Amaral. O volume sai muito poucas vezes da casa forte onde repousa.

7- Manuscritos do Padre Bartolomeu de Gusmão, entre os quais *Petição do Padre Bartolomeu Lourenço, sobre o instrumento que inventou para andar pelo ar, e suas utilidades*, 1709. (pp. 114-115)

A Biblioteca possui cópia muito rara da petição escrita por Bartolomeu de Gusmão pedindo licença a D. João V para construção de um “*instrumento para voar*”, que haveria de ficar conhecido por *Passarola*. Nessa altura, o jovem Bartolomeu, nascido no Brasil e estudante de Teologia em Coimbra, tinha apenas 23 anos, ao passo que o monarca tinha 19. A petição foi respondida favoravelmente, o “*instrumento*” foi construído

5- *On the Fabric of the Human Body*, André Vesálio, Basil, officina Joannis Oporini, 1543 (first edition). (pp. 84-85)

This famous book by the Belgian doctor Andreus Vesalius was published in Basil in the same year as Copernicus’ *On the Revolution of the Heavenly Bodies*, and the two books are conventionally considered to inaugurate the birth of modern science. The prints combine science and art in an exemplary manner to the extent that we are unsure which to admire the most – the rigour of the science or the beauty of the art. The Coimbra copy was recently restored, with the help of the Portuguese Society of Neurosciences, in the ambit of the SOS Old Book programme, but unfortunately the famous frontispiece is missing with the engraving depicting Vesalius himself dissecting a corpse before a numerous and probably illustrious company.

6- *The Lusiads*, Luís de Camões, Lisbon: workshop of António Gonçalves, 1572 (first edition).

There are only around 30 copies in the world of the first edition of this great poem by the greatest Portuguese poet. The surviving volumes of the 1572 edition of this epic are today scattered across eight countries, and in Portugal there are only a dozen copies. The Coimbra one was bought by the Portuguese state and given to Coimbra University General Library in 1942, in a good state of conservation (though trimmed), despite the recent restoration funded by the Calouste Gulbenkian Foundation. There is a facsimile edition [41], with a *Bibliographic Notice* by António Eugénio Maia do Amaral. The volume has rarely left the strongbox in which it is kept.

7- Manuscripts of Father Bartolomeu de Gusmão, including *Father Bartolomeu Lourenço’s petition about the instrument he invented to move through air, and its uses*, 1709. (pp-114-115)

The Library has a very rare copy of Bartolomeu de Gusmão’s petition to King John V for the construction of an “*instrument for flying*”, that later came to be known as the *Passarola*. At that time, the young Bartolomeu, born in Brazil and a theology student at Coimbra, was only 23 years old, while the monarch was 19. The petition received a favourable response, and the “*instrument*” was constructed (it was

(não passava de um pequeno balão de ar quente) e demonstrado no Paço Real de Lisboa, com a presença da Família Real e do núncio apostólico, mas a *Passarola* não teve sequência prática. Entrou apenas, o que já não é pouco, com uma aura lendária na história e na literatura. Um jornal austríaco dedicou um suplemento a esta prodigiosa invenção, que, caso funcionasse, teria permitido à rainha austríaca ir voando de Lisboa à sua Viena natal. Também neste caso há uma edição facsimilada, impressa recentemente no Brasil [42].

8- *Peregrinação*, Fernão Mendes Pinto, Lisboa: Pedro Craesbeeck, 1614 (primeira edição). (p. 121)

Fernão Mendes Pinto foi um dos grandes viajantes pelo Oriente no século XVI, tendo percorrido muitas terras do Japão e da China. De regresso à metrópole, escreveu um conjunto de histórias que são peça essencial da literatura de viagens nacional e internacional. Muitos o acusaram de exagerar ou inventar a sua narrativa (daí terem-lhe mudado o nome para Fernão Mendes “Minto”). O seu livro só saiu em primeira edição em Lisboa, do prelo de Pedro Craesbeeck, passados 31 anos da sua morte. O título é longo, como era gosto na época: “*Peregrinação de Fernam Mendez Pinto em que da conta de muytas e muyto estranhas cousas que vio & ouviu no reyno da China, no da Tartaria, no de Sornau, que vulgarmente se chama de Sião, no de Calaminhan, no do Pegù, no de Martauão, & em outros muytos reynos & senhorios das partes Orientais, de que nestas nossas do Occidente ha muyto pouca ou nenhua noticia.*”

9- *Thesouro da Nobreza de Portugal*, de Frei Manuel de Santo António e Silva (autor provável), manuscrito, cerca de 1750.

Os escudos coloridos dos nobres da nação desfilam pelas páginas desta cópia manuscrita (ou será este o original?) do *Tesouro da Nobreza de Portugal*, de Frei Manuel de Santo António e Silva. Tal como este, a Biblioteca Geral da Universidade possui cerca de três mil manuscritos mais, que se guardam em sala própria, próxima da de Leitura de Reservados.

little more than a small hot-air balloon) and demonstrated at the Royal Palace in Lisbon, with the presence of the Royal Family, the papal nuncio. Though the *Passarola* yielded no practical consequences, it acquired the aura of legend in history and literature. One Austrian newspaper devoted a supplement to this prodigious invention, which, if it worked, would have enabled the Austrian queen to fly from Lisbon to her native Vienna. In this case too, there is also a facsimile edition recently printed in Brazil [42].

8- *Pilgrimage*, Fernão Mendes Pinto, Lisbon: Pedro Craesbeeck, 1614 (first edition). (p. 121)

Fernão Mendes Pinto was one of the great 16th century travellers in the East, who visited many lands of Japan and China. Upon his return to the metropolis, he wrote a series of stories that are an essential part of Portuguese and world travel literature, though he has been accused of exaggerating or inventing his narrative (leading to his nickname Fernão Mendes “Minto”[“I lie”]). His book only came out 31 years after his death from the press of Pedro Craesbeeck in Lisbon. The title is long, in keeping with the taste of the period: “*Pilgrimage of Fernam Mendez Pinto in which he recounts many strange things that he has seen & heard in the kingdoms of China, Tartaria, Sornau, commonly known as Siam, Calaminhan, Pegù, Martauão, & in other kingdoms and fiefdoms in Oriental parts, of which our people in the West have little or no news.*”

9- *Treasury of the Nobility of Portugal*, by Frei Manuel de Santo António e Silva (probable author), manuscript, around 1750.

The colourful coats-of-arms of the nobles of the land parade across the pages of this manuscript copy (or could this be the original?) of the *Treasury of the Nobility of Portugal*, by Friar Manuel de Santo António e Silva. The University General Library holds around three thousand such manuscripts, kept in a special room near the Reserved Books Reading Room.

10- *Crónica do Conde Dom Pedro de Meneses, Gomes Eanes de Zurara, volume com super-libros da Biblioteca dos Távoras, século XVIII. (p. 125)*

A marca bibliográfica mais rara em Portugal encontra-se na Biblioteca de Coimbra. É um volume da *Crónica do Conde Dom Pedro* com uma marca de posse heráldica da família dos Távoras. A Biblioteca tem três volumes dessa proveniência, dois deles com os escudos cortados em consequência da fúria do Marquês de Pombal quando acusou aqueles nobres na conspiração contra o rei D. José, processo que culminou com a sua execução pública, após tortura, num cadafalso perto do Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa. Este volume da *Crónica* é o único onde, por motivos misteriosos, a marca permanece intacta.

Um *top ten* de livros e documentos da Biblioteca Geral, que não coincide com este embora tenha uma boa sobreposição, pode ser encontrado em [43]. Uma descrição de alguns livros antigos feitos por um profundo conhecedor deles encontra-se na obra *Universidade de Coimbra: O Tangível e o Intangível*, publicada pela Imprensa da Universidade [46].

Algumas dessas obras podem ser encontradas em *fac-simile* digital no *Alma Mater* [44-45], o repositório de fundo antigo da Universidade de Coimbra criado em 2008, que contém hoje mais de sete mil documentos, pelo que podem ser consultados, ainda que virtualmente, página a página, da primeira à última, na comodidade de qualquer lar ou mesmo na rua, a qualquer hora do dia ou da noite. Isto é, hoje a Joana está, pelo menos em parte, em todo o lado, à disposição de quem a procura.

Apresentada uma selecção sumária de livros, a visita à Biblioteca está quase a terminar. Mas falta ainda descer à vetusta cave, o espaço que foi do cárcere académico. As fortes grades de ferro confirmam que se tratava de um lugar de reclusão para os estudantes delinquentes, sujeitos que estavam a um foro especial. Mas não se assuste o visitante, que a função da prisão académica está há muito obsoleta. Hoje o espaço alberga pequenas exposições, que por vezes são parte de exposições maiores iniciadas no piso nobre ou no piso intermédio (já foram organizadas, entre outras e só para falar das mostras mais recentes, exposições sobre os membros portugueses da Royal Society de Londres, sobre os mapas antigos da colecção Carlos Nabais Conde adquirida pela Universidade, sobre o médico judeu Amato Lusitano e a Renascença Médica, sobre as relações científicas e culturais entre Portugal e o Brasil, etc.). Note-se que uma boa parte dos espaços da cave não está acessível ao público, dado o facto de terem sido transformados em depósito de livros antigos, quer dizer, uma boa parte dos 55.000 livros não está à vista.

10- *Chronicle of Count Dom Pedro de Meneses, Gomes Eanes de Zurara, volume with super-libros of the Library of the Távoras, 18th century. (p. 125)*

The rarest bibliographic mark in Portugal is found in the Coimbra Library. It is a volume of the *Chronicle of Count Dom Pedro* with a heraldic mark of the Távora family. The Library holds three volumes from this source, but two have had the shields cut out, following the rage of the Marquis of Pombal, who accused this noble family of conspiring against King Joseph, a process that culminated in their public execution, after torture, on a scaffold near the Jeronimos Monastery in Lisbon. This volume of the *Chronicle* is unique because the mark has mysteriously remained intact.

Another “top ten” of the books and documents in the General Library, which does not coincide with this one although there are some overlaps, may be found in [43]. There are also descriptions of some of the old books by a connoisseur in the work *Universidade de Coimbra: O Tangível e o Intangível* (“University of Coimbra: the Tangible and Intangible”) published by Coimbra University Press [46].

Some of these works may be found digital facsimile in *Alma Mater* [44-45], the old book repository of the University of Coimbra, created in 2008, which today contains over seven thousand documents. These may be consulted virtually, page by page, from the first page to the last, at home or in the street, at any hour of day or night. That is to say, the Joana library is everywhere available (at least in part) for whoever searches for it.

After this brief selection of books, our visit to the Library is almost at any end. But we still have to descend to the basement, the space that used to be the academic prison. The sturdy iron bars confirm that this was a place of incarceration for delinquent students, tried in a special court. But there is no need for alarm – the function of academic prison has long been obsolete. Today the space hosts small exhibitions (sometimes part of bigger ones held on the other floors, such as those dealing with the Portuguese members of the Royal Society of London; the maps in the Carlos Nabais Conde collection acquired by the University; the Jewish doctor Amato Lusitano and the Medical Renaissance; the scientific and cultural relations between Portugal and Brazil, etc.). Much of the basement is not accessible to the public, as it has been transformed into an old book deposit (that is to say, many of the 55000 books are not on view).

Quando a antiga prisão medieval foi adaptada para uso académico acabando com a enxovia que servia as mesmas funções no interior do paço, perto da Sala dos Capelos, ela não era parte da Biblioteca, embora em tempos fosse relativamente fácil a comunicação entre o espaço de uma e da outra: as penas do foro académico não eram, em geral, demasiado severas, pese embora o aspecto medonho da prisão, que contém duas celas de segredo (ou “solitárias”), onde o prisioneiro, como que metido numa caixa de ressonância, podia escutar a voz da sua própria consciência. De facto, trata-se da única prisão medieval que, em Portugal,



Fig. 11

chegou até nós em condições de ser visitável. Mas, houve ali a reclusão durante algum tempo de estudantes condenados a penas pesadas, como foi a dos responsáveis pela “matança dos lentes”, em 1828, no tempo da guerra civil, que depois do assassinio que perpetraram de um conjunto de professores que iam em comitiva a Lisboa, acabaram por ser rapidamente julgados e condenados à forca (a pena de morte por crimes civis só acabaria em Portugal no ano de 1864). A prisão académica deixou em 1832 de funcionar nos subterrâneos da Biblioteca, tendo passado para o Colégio de S. Boaventura, no sítio onde é hoje a Faculdade de Letras, tendo finalmente terminado no ano de 1910.

Pode-se sair da *Casa da Livraria* pela porta da prisão e voltar ao Pátio das Escolas, pela Porta de Minerva, uma porta encimada por uma pequena estátua da Sabedoria ou Sapiência, que foi construída na mesma altura da Joanina e que foi recentemente restaurada. O recanto é visualmente muito aprazível, ilustrando bem a beleza da Alta de Coimbra, antes de ter sido alterada pelas obras do Estado Novo. Em frente, situa-se a Casa de

When the former medieval prison was adapted for academic use, putting an end to the dungeon which served the same functions inside the palace, near the Grand Hall, it was not part of the Library, though access between the two was once quite easy: the punishments meted out by the academic court were not generally very severe, though there were, rather disturbingly, two secret (or “solitary”) cells, where the prisoner, as if in a sound box, could listen to the voice of his conscience. This is in fact the only medieval prison which is still visitable today. But



Fig. 12

some students were imprisoned there for some time, sentenced to heavy punishments, such as those responsible for the “slaughter of the masters” (the murder of a group of professors going as a committee to Lisbon in 1828 during the civil war) who were rapidly tried and condemned to hang (the death penalty for civil crimes was only abolished in Portugal in 1864). In 1832, the academic prison ceased to function in the library basement and moved to the College of St Boaventura, on the site where the Faculty of Letters now stands, and was finally extinguished in 1910.

You can leave the Library House by the prison door and return to the Pátio das Escolas, by the Minerva Gate, a gate topped with a small statue of Wisdom or Sapientia, which was built at the same time as the Joanine Library and was recently restored. This is a pleasant corner, which clearly illustrates the beauty of Coimbra’s Upper Town before the demolitions and rebuildings carried out by the New State. Opposite is the Elísio de Moura

Infância Elísio de Moura, um asilo cujo nome honra um grande nome da medicina coimbrã do século XX e que ocupa o antigo colégio setecentista de Santo António da Pedreira. Seguindo pela Rua da Ilha, onde nasceu o compositor Carlos Seixas, depressa se encontra a antiquíssima Sé Velha, de onde se pode descer para a Baixa, passando pelo Arco da Almedina. Mas o actual circuito turístico da Alta universitária manda virar à direita depois da saída pela porta da prisão e subir para o moderno anfiteatro da Faculdade de Direito, obra do arquitecto portuense Fernando Távora, edifício moderno bem integrado no conjunto histórico, de cujo *foyer* em boa extensão vidrado se pode ver as traseiras da Biblioteca Joanina, enquanto se toma uma bica no bar (Fig. 11). O visitante não deve esquecer a visita à Capela da Universidade, com um esplêndido órgão barroco onde ainda hoje se fazem concertos, antes de voltar ao Pátio das Escolas (Fig. 12).

Concluída a visita, o turista não poderá deixar de concordar com o historiador de arte Pedro Dias: “*Esta é uma das mais imponentes e das mais belas bibliotecas do Mundo e representa para Portugal um dos momentos mais altos da sua produção artística*” [47]. Mas, para concordar ainda mais, deve fazer o percurso da Biblioteca uma e outra vez. Como todas as grandes bibliotecas históricas, a Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra, outrora *Casa da Livraria*, é um local inspirador que obriga o visitante a voltar. De cada vez ele verá as mesmas coisas, mas, e esse é o continuado encanto da Joanina, de cada vez verá coisas diferentes.

REFERÊNCIAS

- [1] Maria Beatriz Nizza da Silva, *D. João V*, Lisboa: Temas e Debates e Círculo de Leitores, 2009.
- [2] José Ramos Bandeira, Universidade de Coimbra (Paço das Escolas e Casa dos Mellos). Coimbra: Instituto de Coimbra, IV Centenário da Instalação Definitiva da Universidade de Coimbra (1537-1937), vol. 92.º, 2.ª e última parte, Gráfica de Coimbra, 1942.
http://webopac.sib.uc.pt:2082/search-S74*por?/b1594067/b1594067/1,1,1,B/1856-b1594067&FF=&1,0,,1,0 (consultado em Maio de 2013)
- [3] Lucas Figueiredo, *A Última Pepita. Os Portugueses e a corrida ao ouro do Brasil*, Lisboa: Marcador, 2012 (no original brasileiro: “*Boa ventura! A corrida ao ouro no Brasil (1697-1810)*”, Rio de Janeiro e São Paulo: Editora Record, 2011).
- [4] António Filipe Pimentel, *A Morada da Sabedoria. I – O Paço Real de Coimbra: das origens ao estabelecimento da Universidade*, Coimbra: Almedina, 2006.
- [5] Alena Richterivá and Ivana Cornejová (coordenadores), *The Jesuits and the Clementinum*, Prague: National Library of the Czech Republic, 2006.
- [6] Ackerl, Isabella [Red.]: *Die Österreichische Nationalbibliothek* (English: Austrian National Library), Viena, 1995.

Children’s Home (named after a great 20th-century Coimbra doctor who lived in the former 18th century college of Santo António da Pedreira. Heading down Rua da Ilha, where the composer Carlos Seixas was born, you soon come to the Old Cathedral, from where it is possible to go down to the Lower Town through the Almedina Arch. But the present-day tourist route around the university takes you to the right, after coming out of the prison door, and leads you up the modern amphitheatre of the Faculty of Law, designed by the Porto architect Fernando Távora, a modern building that is well integrated into the historical complex, and from whose glazed *foyer* you can see the back of the Joanine Library while taking a coffee at the bar (Fig. 11). You should not forget to visit the University Chapel, with its splendid Baroque organ, where concerts are still given today, before returning to the Pátio das Escolas (Fig. 12).

Having concluded your trip, you will surely agree with art historian Pedro Dias that “*this is one of the most beautiful and imposing libraries in the world and represents for Portugal one of the highpoints of its artistic production*” [47]. But, in order to truly feel the force of these words, you need to visit the Library again and again. Like all great historical libraries, King John’s Library at the University of Coimbra, formerly known as the Library House, is an inspiring site which prompts visitors to return. No matter how many times you see the same pieces, you will continue to see different things. That is the magic of the Joanine Library.

REFERENCES

- [1] Maria Beatriz Nizza da Silva, *D. João V*, Lisbon: Temas e Debates and Círculo de Leitores, 2009.
- [2] José Ramos Bandeira, Universidade de Coimbra (Paço das Escolas e Casa dos Mellos). Instituto de Coimbra, IV Centenário da Instalação Definitiva da Universidade de Coimbra (1537-1937), vol. 92., 2nd and last part, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1942.
http://webopac.sib.uc.pt:2082/search-S74*por?/b1594067/b1594067/1,1,1,B/1856-b1594067&FF=&1,0,,1,0 (consulted in May 2013)
- [3] Lucas Figueiredo, *A Última Pepita. Os Portugueses e a corrida ao ouro do Brasil*, Lisbon: Marcador, 2012 (in the Brazilian original: “*Boa ventura! A corrida ao ouro no Brasil (1697-1810)*”, Rio de Janeiro and São Paulo: Editora Record, 2011).
- [4] António Filipe Pimentel, *A Morada da Sabedoria. I – O Paço Real de Coimbra: das origens ao estabelecimento da Universidade*, Coimbra: Almedina, 2006.
- [5] Alena Richterivá and Ivana Cornejová (eds.), *The Jesuits and the Clementinum*, Prague: National Library of the Czech Republic, 2006.
- [6] Ackerl, Isabella [Red.]: *Die Österreichische Nationalbibliothek* (English: The Austrian National Library), Vienna, 1995.

- [7] António Filipe Pimentel, A Biblioteca de Coimbra e os seus Espaços, in António Maia do Amaral (coordenador), *Tesouros da Biblioteca Geral*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, pp. 11-21.
- [8] Hans Christian Andersen, *Uma Visita a Portugal*, Lisboa: Ulmeiro, 2000.
- [9] Catherine Hannah Charlotte Elliott Jackson, *A Formosa Lusitânia: Portugal em 1873*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007.
- [10] Germain Bazin, La Bibliothèque la plus fauveuse que j'aie jamais vu, *Connaissance des Arts*, Paris, n.º 100, 1960.
- [11] <http://twistedifter.com/2011/10/beautiful-libraries-around-the-world/> (consultado em Maio de 2013).
- [12] António Pimentel, *Arquitectura e Poder: o Real Edifício de Mafra*, Lisboa: Livros Horizonte: 2002.
- [13] Pedro Ferrão, A Construção da Casa da Livraria da Universidade de Coimbra, in *Actas do Colóquio A Universidade e a Arte 1290-1990*, Coimbra: Instituto de História de Arte da Universidade de Coimbra, 1993, pp. 85-127.
- [14] A lista de sítios do Património Cultural Europeu encontra-se em: http://ec.europa.eu/dgs/education_culture/evalreports/culture/2010/labelannex_en.pdf (consultado em Maio de 2013)
- [15] Carlos Fiolhais, António José Leonardo e Décio Martins Ruivo, O Instituto de Coimbra: Breve história de uma academia científica e Literária, in *Tesouros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, A. E. Maia Amaral (coordenação), Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, pp. 115-125. <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/12602/1/O%20Instituto%20de%20Coimbra.pdf> (consultado em Maio de 2013).
- [16] Carlos Fiolhais, *A Associação Académica de Coimbra: Uma fonte de cultura*, Livro Comemorativo dos 120 Anos da AAC, Coimbra: 2007.
- [17] Carlos Fiolhais, Depósito Legal nas Bibliotecas Portuguesas, in *Bibliotecas para a Vida. Literacia, Conhecimento e Cidadania, Conferência dos 200 anos da Biblioteca Pública de Évora*, José António Calixto (coordenador), Lisboa: Edições Colibri, CIDEHUS/Universidade de Évora e Biblioteca Pública de Évora, 2007, pp. 115-118. http://www.evora.net/bpe/2005Bicentenario/dias/27_out05/textos/fiolhais.pdf (consultado em Maio de 2013)
- [18] Catálogo da Rede Integrada de Bibliotecas da Universidade de Coimbra, gerida pelo Serviço Integrado de Bibliotecas da Universidade – SIBUC: <http://webopac.sib.uc.pt/>
- [19] Carlos Fiolhais e Leonor Marinho Dias, O velho e o novo no mundo dos livros, in *Bibliotecas e Arquivos Jurídicos em Mudança. Novas realidades. III Encontro Nacional de Bibliotecas e Arquivos Jurídicos*, Suplemento da Revista da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, Lisboa: Coimbra Editora, 2009, pp. 99-106.
- [20] Carlos Fiolhais e João Carlos Marques, A rede de bibliotecas da Universidade de Coimbra: presente e futuro, in *Tesouros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, A. E. Maia do Amaral (coordenação), Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009. pp. 133-139.
- [21] Carlos Fiolhais, Conserving old knowledge for the modern world, in *From Information to Knowledge; from Knowledge to Wisdom*, Edited by Erik De Corte and Jens Erik Fenstad, London: Portland Press, 2010.
- [7] António Filipe Pimentel, A Biblioteca de Coimbra e os seus Espaços, in António Maia do Amaral (coordenador), *Tesouros da Biblioteca Geral*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, pp. 11-21.
- [8] Hans Christian Andersen, *Uma Visita a Portugal*, Lisbon: Ulmeiro, 2000.
- [9] Catherine Hannah Charlotte Elliott Jackson, *A Formosa Lusitânia: Portugal em 1873*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007.
- [10] Germain Bazin, La Bibliothèque la plus fauveuse que j'aie jamais vu, *Connaissance des Arts*, Paris, no. 100, 1960.
- [11] <http://twistedifter.com/2011/10/beautiful-libraries-around-the-world/> (consulted in May 2013).
- [12] António Pimentel, *Arquitectura e Poder: o Real Edifício de Mafra*, Lisbon: Livros Horizonte: 2002.
- [13] Pedro Ferrão, A Construção da Casa da Livraria da Universidade de Coimbra, in *Actas do Colóquio A Universidade e a Arte 1290-1990*, Coimbra: Instituto de História de Arte da Universidade de Coimbra, 1993, pp. 85-127.
- [14] The list of European Cultural Heritage Sites may be found at: http://ec.europa.eu/dgs/education_culture/evalreports/culture/2010/labelannex_en.pdf (consulted in May 2013)
- [15] Carlos Fiolhais, António José Leonardo and Décio Martins Ruivo, O Instituto de Coimbra: Breve história de uma academia científica e Literária, in *Tesouros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, A. E. Maia Amaral (ed.), Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, pp. 115-125. <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/12602/1/O%20Instituto%20de%20Coimbra.pdf> (consulted in Maio de 2013).
- [16] Carlos Fiolhais, *A Associação Académica de Coimbra: Uma fonte de cultura*, Livro Comemorativo dos 120 Anos da AAC, Coimbra: 2007.
- [17] Carlos Fiolhais, Depósito Legal nas Bibliotecas Portuguesas, in *Bibliotecas para a Vida. Literacia, Conhecimento e Cidadania, Conferência dos 200 anos da Biblioteca Pública de Évora*, José António Calixto (ed.), Lisbons: Edições Colibri and CIDEHUS/Universidade de Évora and Biblioteca Pública de Évora, 2007, pp. 115-118. http://www.evora.net/bpe/2005Bicentenario/dias/27_out05/textos/fiolhais.pdf (consulted in May 2013)
- [18] Catálogo da Rede Integrada de Bibliotecas da Universidade de Coimbra, managed by the Serviço Integrado de Bibliotecas da Universidade – SIBUC : <http://webopac.sib.uc.pt/>
- [19] Carlos Fiolhais and Leonor Marinho Dias, O velho e o novo no mundo dos livros, in *Bibliotecas e Arquivos Jurídicos em Mudança. Novas realidades. III Encontro Nacional de Bibliotecas e Arquivos Jurídicos*, Suplemento da Revista da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, Lisbon: Coimbra Editora, 2009, pp. 99-106.
- [20] Carlos Fiolhais and João Carlos Marques, A rede de bibliotecas da Universidade de Coimbra: presente e futuro, in *Tesouros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, A. E. Maia do Amaral (coordinator), Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009. pp. 133-139.
- [21] Carlos Fiolhais, Conserving old knowledge for the modern world, in *From Information to Knowledge; from Knowledge to Wisdom*, Edited by Erik De Corte and Jens Erik Fenstad, London: Portland Press, 2010.

- [22] António Pinho Vargas, *Música e Poder: para uma sociologia da ausência da música portuguesa no contexto europeu*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais / Almedina, Coimbra, 2011.
- [23] José Manuel Pedrosa Cardoso (coordenador), *Carlos Seixas, de Coimbra*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2004.
- [24] Carlos Fiolhais, *Membros Portugueses da Royal Society / Portuguese Fellows of the Royal Society*, Coimbra: Universidade de Coimbra, 2011.
- [25] Luís Carlos Martins de Mota, A “Minuta para o regimento da Biblioteca da Universidade de Coimbra” de António Ribeiro dos Santos : algumas notas para o seu enquadramento histórico-cultural. In *Universidade(s) : história, memória, perspectivas : actas do Congresso “História da Universidade”*. Coimbra: Comissão Organizadora do Congresso de História da Universidade, 1991, vol. 2, pp. 197-228.
- [26] António Filipe Pimentel, O gosto oriental na obra das estantes da Casa da Livraria da Universidade de Coimbra, in *Portugal e Espanha entre a Europa e Além-Mar*. Coimbra: Instituto de História de Arte, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1988.
- [27] Alexandre Ramires, A imagem fotográfica na Biblioteca da Universidade, in *Tesouros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, A. E. Maia Amaral (coordenador), Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.
- [28] Marc Bourgne (desenho) e Christian Perrisin (cenários), *L’ ombre du démon*, tomo 25 da série *Barbe Rouge*, Paris: Dargaud, 1999.
- [29] José Pires, *Batalha do Buçaco*, Porto: Âncora, 2010.
- [30] Mário Brandão, Prejuízos causados à Universidade de Coimbra pela Terceira Invasão Francesa, in *Estudos Vários*, vol. 2, Coimbra: Universidade de Coimbra, pp. 1-68, Coimbra: 1974.
Encontra-se disponível on-line no *Google Books*: <http://books.google.pt/>
- [31] Rosa Montero, *História do Homem Transparente*, Porto: Asa, 2006.
- [32] José Rodrigues dos Santos, *A Fórmula de Deus*, Lisboa: Gradiva, 2006. Está traduzido em espanhol, francês e italiano.
- [33] António Filipe Pimentel, A Bibliotecas de Coimbra e os seus espaços, in *Tesouros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, A. E. Maia Amaral (coord.), Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, pp. 11-22.
- [34] António Filipe Pimentel, Uma empresa esclarecida. A Biblioteca Joanina, *Monumentos*, Março 1998, n.º 8, pp. 48-51.
- [35] António Filipe Pimentel, Bibliotecas, in José Fernandes Pereira (direcção). *Dicionário de Arte Barroca em Portugal*. Lisboa: Presença, 1989.
- [36] Sandra Costa Saldanha, O paradigma estético da biblioteca Joanina: bibliotecas conventuais setecentistas (Jesus, Paulistas e Mafra), in Actas do II e III Encontros Nacionais sobre as Bibliotecas e o Livro em Instituições Eclesiais. http://www.academia.edu/3441343/O_paradigma_estetico_da_biblioteca_Joanina_bibliotecas_conventuais_setecentistas (consultado em Maio de 2013).
- [37] Inês Nazaré Catarino, *Análise das Condições Higrotérmicas na Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra*, Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre em Engenharia do Ambiente na Especialidade de Gestão e Tecnologia do Ambiente na Universidade de Coimbra, Coimbra: 2010.
<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/14219/1/An%C3%A1lise%20das%20condi%C3%A7%C3%B5es%20higrot%C3%A9rmicas%20na%20Biblioteca%20Joanina.pdf> (consultado em Maio de 2013).
- [22] António Pinho Vargas, *Música e Poder: para uma sociologia da ausência da música portuguesa no contexto europeu*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais / Almedina, 2011.
- [23] José Manuel Pedrosa Cardoso (ed.), *Carlos Seixas, de Coimbra*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 2004.
- [24] Carlos Fiolhais, *Membros Portugueses da Royal Society / Portuguese Fellows of the Royal Society*, Coimbra: Universidade de Coimbra, 2011.
- [25] Luís Carlos Martins de Mota, A “Minuta para o regimento da Biblioteca da Universidade de Coimbra” de António Ribeiro dos Santos : algumas notas para o seu enquadramento histórico-cultural. In *Universidade(s) : história, memória, perspectivas : actas do Congresso “História da Universidade”*. Coimbra: Comissão Organizadora do Congresso de História da Universidade, 1991, vol. 2, pp. 197-228.
- [26] António Filipe Pimentel, O gosto oriental na obra das estantes da Casa da Livraria da Universidade de Coimbra, in *Portugal e Espanha entre a Europa e Além-Mar*. Coimbra: Instituto de História de Arte, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1988.
- [27] Alexandre Ramires, A imagem fotográfica na Biblioteca da Universidade, in *Tesouros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, A. E. Maia Amaral (coordinator), Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.
- [28] Marc Bourgne (design) and Christian Perrisin (scenery), *L’ ombre du démon*, Vol. 25 of the series *Barbe Rouge*. Paris: Dargaud, 1999.
- [29] José Pires, *Batalha do Buçaco*, Oporto: Âncora, 2010.
- [30] Mário Brandão, Prejuízos causados à Universidade de Coimbra pela Terceira Invasão Francesa, in *Estudos Vários*, vol. 2, Coimbra: Universidade de Coimbra, pp. 1-68, Coimbra: 1974.
Available on line at *Google Books*: <http://books.google.pt/>
- [31] Rosa Montero, *História do Homem Transparente*, Oporto: Asa, 2006.
- [32] José Rodrigues dos Santos, *A Fórmula de Deus*, Lisbon: Gradiva, 2006 (translated into Spanish, French, Italian and English, in English under the title *The Einstein Enigma*).
- [33] António Filipe Pimentel, A Bibliotecas de Coimbra e os seus espaços, in *Tesouros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*, A. E. Maia Amaral (ed.), Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009, pp. 11-22.
- [34] António Filipe Pimentel, Uma empresa esclarecida. A Biblioteca Joanina, *Monumentos*, March 1998, n.º 8, pp. 48-51.
- [35] António Filipe Pimentel, Bibliotecas, in José Fernandes Pereira (ed.). *Dicionário de Arte Barroca em Portugal*. Lisbon: Presença, 1989.
- [36] Sandra Costa Saldanha, O paradigma estético da biblioteca Joanina: bibliotecas conventuais setecentistas (Jesus, Paulistas e Mafra), in Actas dos II e III Encontros Nacionais sobre as Bibliotecas e o Livro em Instituições Eclesiais. http://www.academia.edu/3441343/O_paradigma_estetico_da_biblioteca_Joanina_bibliotecas_conventuais_setecentistas (consulted in May 2013).
- [37] Inês Nazaré Catarino, *Análise das Condições Higrotérmicas na Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra*, Masters dissertation in Environmental Engineering, speciality Environmental Management and Technology at the University of Coimbra, Coimbra: 2010.
<https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/14219/1/An%C3%A1lise%20das%20condi%C3%A7%C3%B5es%20higrot%C3%A9rmicas%20na%20Biblioteca%20Joanina.pdf> (consulted in May 2013).

- [38] José Manuel Pedrosa Cardoso, Margarida Lopes de Miranda (coordenadores), *Sons do Clássico. No 100.º aniversário de Maria Augusta Barbosa*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.
- [39] Umberto Eco e Jean-Claude Carrière, *A Obsessão do Fogo*, Lisboa: Difel, 2009.
- [40] D. João de Castro, *Tábuas dos Roteiros da Índia*, Lisboa: Inapa, 1988, com introdução de Luís de Albuquerque.
- [41] Luís de Camões, *Os Lusíadas*, Lisboa: GSPIE – Global Systems Publicity, 2004.
- [42] Carlos Fiolhais, Bartolomeu de Gusmão e o seu balão, in *Bartolomeu Lourenço de Gusmão, o Padre Inventor*, Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro e Andrea Jakobson Estúdios, 2011 (Brasiliana da Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra; vol. 1), pp. 15-31.
- [43] *Top ten* de livros da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. <http://dererummundi.blogspot.pt/2007/06/top-ten-de-tesouros-bibliograficos-de.html> (consultado em Maio de 2013).
- [44] *Alma Mater* - Repositório de fundo antigo da Universidade de Coimbra <http://almamater.uc.pt/>
- [45] Carlos Fiolhais *et al.*, *Alma Mater, Repositório do Fundo de Livro Antigo da Universidade de Coimbra*, in *História da Ciência Luso-Brasileira: Coimbra entre Portugal e o Brasil*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.
- [46] Aníbal Pinto de Castro, in José Francisco de Faria Costa e Maria Helena da Cruz Coelho (coordenadores), *Universidade de Coimbra: O Tangível e o Intangível*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 2009.
- [47] Pedro Dias e António Nogueira Gonçalves, *O Património Artístico da Universidade de Coimbra*, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2.ª edição revista e aumentada, 2004.
- [38] José Manuel Pedrosa Cardoso and Margarida Lopes de Miranda (eds.), *Sons do Clássico. No 100.º aniversário de Maria Augusta Barbosa*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2012.
- [39] Umberto Eco and Jean-Claude Carrière, *A Obsessão do Fogo*, Lisbon: Difel, 2009 (original in English: *This is Not the End of the Book*).
- [40] D. João de Castro, *Tábuas dos Roteiros da Índia*, Lisbon: Inapa, 1988, with an introduction by Luís de Albuquerque.
- [41] Luís de Camões, *Os Lusíadas*, Lisbon: GSPIE – Global Systems Publicity, 2004.
- [42] Carlos Fiolhais, Bartolomeu de Gusmão e o seu balão, in *Bartolomeu Lourenço de Gusmão, o Padre Inventor*, Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro and Andrea Jakobson Estúdios, 2011 (Brasiliana da Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra; vol. 1), pp. 15-31.
- [43] *Top ten* of books belonging to the General Library of the University of Coimbra. <http://dererummundi.blogspot.pt/2007/06/top-ten-de-tesouros-bibliograficos-de.html> (consulted in May 2013).
- [44] *Alma Mater* – Old book repository of the University of Coimbra <http://almamater.uc.pt/>
- [45] Carlos Fiolhais *et al.*, *Alma Mater, Repositório do Fundo de Livro Antigo da Universidade de Coimbra*, in *História da Ciência Luso-Brasileira: Coimbra entre Portugal e o Brasil*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.
- [46] Aníbal Pinto de Castro, in José Francisco de Faria Costa and Maria Helena da Cruz Coelho (coordinators), *Universidade de Coimbra: O Tangível e o Intangível*, Coimbra: Imprensa da Universidade, 2009.
- [47] Pedro Dias and António Nogueira Gonçalves, *O Património Artístico da Universidade de Coimbra*, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2nd edition, reviewed and extended, 2004.



A BIBLIOTECA JOANINA
Paulo Mendes

KING JOHN'S LIBRARY
Paulo Mendes



HANC AUSTRIA DEUTLIBUS COLLEMBRIA SEDEM,
VICAPVT EXORNET BIBLIOTICA SVVM.



HANC AVGVSTA DEDIT LIBRIS COLLIME
VTCAPVT EXORNET BIBLIOTHE

IN SADE HANC VOBIS SAPIENTIA CONDIDIT ARGEM
DVCORES LIBRIN LES ET ARMA LABOR











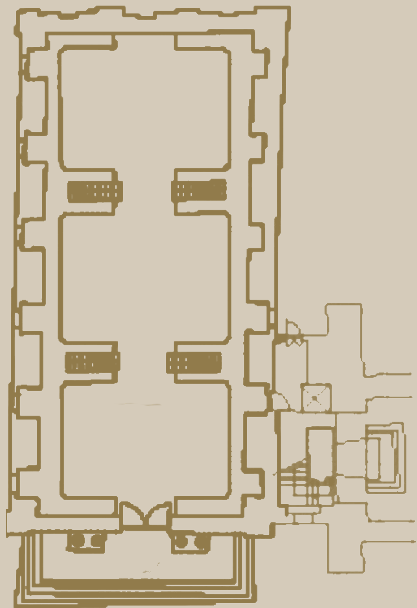


R
67
16A

BRITISH
LIBRARY
LONDON



*COIMBRA, PORTUGAL. UNIVERSITY; INTERIOR OF LIBRARY,
WITH PORTRAIT OF JOHN V. THE FOUNDER.*





















C. TO. V. S. G. A. S. I. O. C. P.
L. S. I. S. C. C. C. U. C. U. L. I. W. N.
L. E. N. C. I. S. I. C. O. I. C. O. I. S. I. T.
C. L. A. I. S. P. N. U. N. C. C. O. I. C. I.
I. O. N. C. I. S. Q. U. A. L. O. C. P. O.
U. C. I. O. L. A. C. A. S. Q. A. L. L. S.
L. O. S. C. A. L. L. N. C. I. S. L. C. P.
I. N. S. U. L. A. S. I. C. I. L. L. I. L. U. C. I.
C. P. S. C. Q. U. I. U. E. B. L. U. C. P.
I. N. T. A. S. I. C. T. U. I. U. N. D. L. L.
C. I. C. C. A. I. I. N. T. A. S. I. C. L. L.
C. P. S. G. U. I. U. C. L. E. N. S. O. C.
S. I. C. A. C. I. O. C. E. G. O. I. C. U.
C. U. C. I. A. S. U. S. I. C. I. C. I.
L. E. L. I. T. O. U. C. I. S. I. N. U. L. L.
L. A. T. I. C. I. S. G. N. S. S. G. C. I.
S. I. N. L. I. U. L. A. S. I. C. I. S. L. A. S. I.

C. I. L. L. I.
C. C. S. U. C. I. S.
U. L. C. I. S. L. U. O. L.
I. N. C. I. S. L. O. C. S.

L. I. G. I. S. C. C. C. C. T. I. U. C. F.
I. N. G. L. I. S. S. P. I. L. O. G. U. L. I.
C. U. S. I. C. I. S. I. N. C. O. C. E.
T. A. L. L. I. S. I. N. C. I. S. U. S. S. I.
C. A. N. I. U. S. I. C. I. S. C. A. L.
C. E. L. I. A. S. I. C. I. S. C. A. S. I.
U. E. L. I. S. I. S. O. C. I. S. I. L.
S. O. N. I. C. I. S. C. I. C. A. N. C. I.
C. U. S. I. C. I. S. I. C. I. L. C. I. S.
C. O. N. C. I. C. I. C. I. O. L. I. C. I. Q. O.
L. L. A. I. S. U. L. L. L. A. U. S. I.
S. I. L. I. C. I. O. S. I. C. A. C. I. L. L.
U. N. G. I. S. S. E. T. S. C. C. A. I. S.
C. E. G. O. I. C. S. C. A. N. U. I. C. E. N. I.
I. N. C. A. S. I. C. I. S. C. A. L. E.
I. C. S. I. S. S. C. A. S. I. U. S. I. S. S.
S. C. I. T. A. N. C. I. S. I. C. I. S. S.

C. I. L. L. I.
C. C. S. U. C. I. S.
U. L. C. I. S. L. U. O. L.
I. N. C. I. S. L. O. C. S.



Incap epistola sci ieronimi ad paulum p[ro]hibere
rude omni vniuersi h[er]eticis libro ca. p[ri]mo.

Fater ambrosius ma-
gnus mihi munuscula p[re]-
rens. deuote simul et
suauissimas lras q[ua] a
p[ri]ncipio amicitiaz h[ab]-
dem. p[ro]bate tam fuer[un]-
t et veteris amicitie no-

ua p[re]ferbant. Vera eni illa necessitudo e[st]
et xpi glorio copulata q[ui] non vilitas rei
familiaris. non p[ri]ma tantu[m] corp[or]is non
subdola et p[ro]p[ri]as adu[er]s[us] si dei timor et
diuinitas scripturar[um] fiducia ostendit. Legi-
m[us] in veteri h[er]eticis. quos d[omi]n[u]s iustitiae p[ro]-
p[ri]as. non omnes ad h[er]esim p[ro]p[ri]as. mana[m] t[ame]n
eos quos ex libro nouerat. cotam q[ui] vide-
rent. Sic pitagoras memphitico vates.
sic plato egypti. et archia tarenimii. tam
q[ua]m o[mn]ia p[ro]p[ri]as. que quondam magna g[ra]tia
dicebantur. laboriosissime p[er]grauit. ut qui
ad h[er]esim magister erat. et p[ro]p[ri]as. cum suis do-
ctrinis ad ad h[er]esim g[ra]tia p[ro]p[ri]as. h[er]eticis
h[er]eticis p[ro]p[ri]as. atq[ue] discipulis. malis aliena
verecunde discere. q[ui] sua impudenter ingerit.
Deniq[ue] cum lras quasi toto o[mn]i h[er]eticis
p[ro]p[ri]as. capitis a p[ro]p[ri]as et venudans. p[ro]-
p[ri]as crudelestimo parat. ductus captiuus
vinculus. et seruus. tam q[ua]m p[ro]p[ri]as p[ro]p[ri]as.
tot emente se suis. Ad r[ati]o[n]em h[er]eticis. lacteo elo-
quente fonte manante. de vltimis h[er]eticis
galliaru[m] h[er]eticis. quos d[omi]n[u]s venisse nobiles
legimus. et quos ad ostentatione[m] sui rom[ae]
non traxerat. vnius hominis fama p[ro]p[ri]as.
Habuit illa etas in auidiam omniu[m] seculi.
celebrandisq[ue] miraculis. et vrbem tantam
ingressi. aliud extra vrbem quereret. Ap[osto]-
lus sine ille magus et vulgus loquit[ur].
sue p[ro]p[ri]as. ut pitagorici tradit. iterant p[ro]-
p[ri]as. p[ro]p[ri]as caucasi. albam. scythias.
massagetis. opulentissima inde regna pe-
netrant. et ad extremis latissimo p[ro]p[ri]as
anne r[ati]o[n]em puenit ad bragmanas. et
bysarcam in throno sedente aureo. et ta-
tali fonte potante. inter paucos discipulos.
de natura de morib[us]. ac de cursu die[rum]. et libe-
ri audiret de cente. Inde p[ro]p[ri]as. h[er]eticis. h[er]eticis.
lonios. et astrologos. medos. alios. partib[us]

syros. p[ro]p[ri]as. arabes. palestinos. reu[er]-
ad alexandria. p[ro]p[ri]as ad ethiopia. ut g[ra]-
gnosop[ro]p[ri]as. et famosissima solis mentas
videret in sablo. Inuenit ille vir vbiq[ue] q[ui]
diceret. et semper p[ro]p[ri]as. semp se melior
ficeret. Scripsit super hoc plenissime octo
voluminibus. p[ro]p[ri]as. **II.**

Quid loquat de seculi hominibus. cum
ap[osto]lus paulus. vas electio[n]is. et ma-
gister gentiu[m]. qui de o[mn]i tana in se h[er]eticis
na loquebat[ur]. dices. an exp[er]imentu[m] queris
cus qui in me loquit[ur]. x[rist]o. post d[omi]n[u]s. alia
arabiamq[ue] iustrati. ascendit iherosolimam
et vidit petru[m]. et m[ag]ist[er] apud eu[m] dieb[us] quide[m]
ci. Hoc eni m[ag]ist[er] ebdomachis. et ogdoa-
dia. sumus g[ra]tia p[ro]p[ri]as. m[ag]ist[er] v[er]us est.
sursus post annos quoddecim assumptu[m]
b[er]naba et p[ro]p[ri]as. exp[er]it eu[m] ap[osto]lus euage-
lize. forte in vacuu[m] carret aut cucurrit.
Habet nescio quid latens energie. vne
votis actus. et in aures discipuli de auctori-
tate r[ati]o[n]is. formas sonat. p[ro]p[ri]as. et e[st] h[er]eticis
cu[m] rochi exalate. et legeret illa demostenis
o[mn]i qua aduersus eu[m] habuerat. m[ag]ist[er] v[er]us
c[ir]ca atq[ue] laudato. suspirat. air. Ruid. si
ip[s]am aut h[er]eticis bestia sua v[er]ba resonante[m]

Nec hoc dico. q[ui] sit aliquid in **III.**
me t[ame]n q[uo]d vel possis a me audire vel
videre d[omi]n[u]s. sed quo ardor tuus et discendi
studiu[m]. etiam ab loq[ui] nobis p[ro]p[ri]as. p[ro]p[ri]as debe-
at. Ingenti doct[ri]na sine doctore las dabi-
le est. Non quid inuentio. si quid querat
co[n]sideramus. Mollis cetera. et ad formidula
facilis. etiam si artificis et plaste essent ma-
nus. t[ame]n p[ro]p[ri]as t[ame]n est queq[ue] e[st] p[ro]p[ri]as.
Paulus ap[osto]lus ad p[ro]p[ri]as gamalielis. lege
mophi et p[ro]p[ri]as diuinitate se gloriat[ur]. ut ar-
mans sp[irit]u h[er]eticis. p[ro]p[ri]as. doct[ri]na co[n]sideret.
Arma eni nostre m[ag]ist[er]ie non cassata lit-
sed potentia deo ad d[omi]n[u]m m[ag]ist[er]ie m[ag]ist[er]ie
num. et cogitacione[m] destruente[m]. et omnes al-
titudine[m] extollente[m] se aduersus scias dei.
et captiuantes omnes intellectu[m] ad obedi-
entia[m] x[rist]o. et p[ro]p[ri]as subingere omnes inobedi-
entia[m]. Quid m[ag]ist[er]ie ab infamia sacra-
lris eruditi. et h[er]eticis. ad studiu[m] lectio[n]is.
ne negligat g[ra]tia q[ui] data sit ei p[ro]p[ri]as
manus p[ro]p[ri]as. Cyro p[ro]p[ri]as. int[er] cetera















Diuro terçeyro

Aqui se começa o diuro terçeyro intitulado vida de xpo segūdo abystoria euāgelical. Capitulo pꝛimeiro da cōfissom verdadeira sse aqual se pezo por todos.

Andes das suso ditas cousas: je su como salua do: derramando: e spargēdo per todo lugar o lume da sua doctrina: e buscando de cada lugar os q̄ perdidos erā e saluādo p todas partes os que eram penitētes. [Veyo a as partidas.] e comarca. [de cidade] que auia nome. [cesaria philippe] mas agora ha nome pauca. Em esta cidade e darredor della moraua poboo dos genti. e por tanto xpo em aq̄sto quis aquitruellar ou descobir o segredo da sua encarnaçō porq̄ mostrasse que o fundamento da ygreja esta em a fe dos genti. Estādo elle soo fazēdo oraçō no caminho. [pregūtoū seus discipollos.] nō por apēder delles algũa cousa em q̄ duuidasse. mas por enforçar a elles na verdaē. E por de terminar o erro dos homēes per as suas respostas. outro si por lhes dar occasiō d auerem merito e por afirmar a nos e cōfirmar em a fe pa sua fiel cōfissom. Itē por tal q̄ cōfirmasse a fe sua delles per o seu cōsentimēto e conuincimēto seguinte. e por mostrar a differença dos apollos e dos pobooos. Querendo pois o senho: q̄ fosse declaradº os erros d genti. por tal q̄ tiradº aq̄lles os discipollº dīgā a uerdade p̄gūtoū os dizeo [quē dizē os homēes q̄ he o filho do homē?]. f. da virgē. Segūdo crisostomo. filho do homē f. da virgē se diz aq̄lle q̄ quer q̄ seja creydo a despēsaçō da encarnaçō. q̄ quer q̄ vebamº a auer della cōbegimēto. e q̄ a cōfessomº e aq̄sto a soo xpo cōuē. f. seer filho da virgē porq̄ adā foy filho da terra e os outros som filhº dos homēes porq̄ som geradº d padre e de madre: mas soo xpo foy filho d huū soo homē. f. da virgē: e huū soo madre teue na terra. assy como no ceo teue huū soo padre. Segūdo jeronimo nom disse chxisto quem

dizem os homēes que som eu por que nō pa regesse que o dēia por se guabar ou louuar. Aqual cousa he contra aquelles que semp se querē nomear da mais honrra da geraçom e dos mais dignº parentes q̄ tē. e nō fazē mēçō dos mais peqnº. E assi meclino deuā de p̄gūtar os p̄lladº e os doctores e os grādes homēes por sua fama aos seus chegato. porq̄ a boa fama do q̄ he p̄sidente e regedor: muito ajuda a fazer. puico e fructo: e ama a fama grāde dāpno traz para a q̄sto. Qm̄o dē origines p̄gūtoū xpo os discipollos porq̄ nos sejam os enfiadº de sem pre escoldo inhar q̄ oppiniō tē os homēes a çerca de nos por tal q̄ se alguū mal se diz q̄ o contemº e tiremos os aazos. e as razodes porq̄ aq̄llo vyer e nasce e se alguē bē dizem de nos q̄ o acreçtemº. e demº aazo q̄ nosa oppiniō e fama seja ajnda melhor. E os discipollº dos b̄pos som aqui enfiadº p exēplo dos apollolº q̄ q̄acē q̄ oppiniōdes e fama q̄ ouerē de seº b̄pos q̄ lhes façā rellaçō dellas. E aq̄llo q̄ o senho: p̄gūtoū p a das cōpanhas aos apollolº deu a entender q̄ os p̄lladº som tebuº d dar cōta da fe de seº subdicº. E porq̄ de xpo erā de sua yra das oppiniōdes e o poboo por rāto [e xpo dēo os discipollº dizeo q̄ algũº d ixiā q̄ era jobā o baptista. e outrº d ixiā seer helias. outrº jereias ou huū dos antigos p̄opbetas.] p̄meirº e q̄ retur gira doº moxº. E assi agora d ixiā q̄ os homēes e buscādo a saluaçō Cada huū poē a sua bēaucturā çā a aq̄llo q̄ auia. e aq̄llo honra e adora por dā. porq̄ segūdo agustinho. esto he adorado do homē q̄ p elle he mais a mado [Se si demādoū aos discipollº] q̄ elles meclinos cōfessāse aq̄llo q̄ delle enre diā. [E disse lbes e vº.] Joutº q̄ nō soēes da gēte popullar mas soēes meº discipollº a q̄ he dado d cōhecer o misterio: e segredo do regno de ds: e q̄ soēes luz do mūdo a q̄ eu notifiquē q̄aquer cousas q̄ ouui do meu padre: [quē me dizees que som:]. E pedo conheçendo em elle diuinal natura seer verdadeiramente: e confessando em huū meclino sopofo seer verdadeiro deos e homem: [respondeo dizeo: Tu es chxisto:] e em quanto es homem es vitado de oleo de graça sobreteº cōpan





FELICES
ORANT HEC INSTRUMENTA
LIBEROS

BIBLIO
TECC
IMAGO

















PRIMA
MUSCULO-
RUM TA-
BULA.



PRIMAE MUSCULORVM TABVLAE

CHARACTERVM INDEX.

- P R A E S E N S** tabula anteriorem corporis faciem magna ex parte notans, corpus exprimit, à quo cutis cum adipe carneaq; membrana, & omnibus in superficie extantibus nervis, utris & arterijs, si quae sunt, refecti. Hanc tabulam unà cum sequenti, characteribus liberam relinquere propositum erat, quo miris illis commaculata spectaretur. Quandoquidè tertia ferè prima est, quam ad disciplinam parauimus, praesens namq; (uti nec consequens) aliquid oculis subiicit, quod non in masculosis & quadratis, ut sic dicam, hominibus, eruditos pictores, sculptoresq; indies etiam praecipue exprimere obseruauit. Quae enim membranae in tertia tabulae facie & ceruice uisuntur, & fibrae etiam in musculis ductae, potius pictorem, ac scalptorè & plastem (quorum studijs quoq; opulari uisum est) perturbant. Quamquam his sane non sat sit, musculos in superficie repositos ad amissum tenere, imò praeter osium accuratissimam cognitionem, summa diligentia cuiusq; musculi munus perspectum ipsi esse debet, quo sciant, quando musculi aliqui aut breuiorè, aut longiorè, aut protuberantè magis, aut còpressum depingere debeant. Hoc axioma perpetuò ob oculos habentes, musculi, dum os mouet, idq; (ut sic dicà) ad suam uentrem retrahit, breuiorem, multoq; prominentiorem fieri, & ad ipsius uentris mediū colligit, quam autem è conuerso musculus os dimittit, ipsūq; os alio agit, quam ab eo musculo ducere-tur, musculi uentrem (cui dant, exat illi artifices minime accommodant) produci ac subsidere, minimumq; protuberare. Caeterum quandoquidè haec affatim in musculorum descriptionibus perstringam, characterem praesentis figuræ indicem aggrediar, in quo uix ullum musculum praeuisionem expressurus sum, sed unicum duntaxat characterè singulis in altero latere adhibens, quos hic obiter spectare licet, ascribam. In facie itaque nullus hic in conspicuo est musculus, quod illi tenues exat & membranae sint, neque etiam obiter adempta cute secus, quam in praesentia modo occurrant.
- A** Glandula quam plurimè notatur, quae sub aurium radice, ad posteriorem inferioris maxillae sedem reposita, cavitatem hic opplet, utaq; usorum distributioni praeficiantur. Sunt autem haec quas in ueris humorū influxus crebrò molestant, ac quae strumis (quas *γυδὴ* Graeci appellant) subinde infestantur. Haec sedes, quae glandulae reponuntur, etiam citra characteris adnuculum, praesentis hic auris foramen obseruatum est facillimam.
- B** Sinistri lateris musculus, ab inferiori maxilla, in os *u* imaginem referens insertus.
- C** Musculus à pectoris osse pronatus, ac in os *u* litera simile cum suo coniuge insertionem tenens.
- D** Musculus gracillimus, à superiori scapulae costa, in os *u* referens insertus, ac in quarta musculorum figuris, *V* & *V*, in quinta autem, *R* & *S* notatus. Sedes quae utriusq; ad litera *D* lateris uisitur, cauāq; est, neruos continet sexti paris neruorum cerebri, interioribus uentis irregularibus, & arterijs soporalibus concomitator.
- F** Musculus à pectoris osse & clauicula, in mamillarem occipitij ossis processum, carnea insertionem implantatus.
- G** Portio est musculi, scapulam mouentium secundi, cuius effigiem monachi in suis cucullis imitati sunt. Praesentis musculi aliud nihil hic est conspicuum, quam quod clauiculam, & summi humeri sedem clauiculae connexam inseritur, uerum in nona figura totus apparet musculus, *Γ* & *Δ* insignitus.
- H** Sedes haec irregularis uenas exteriores transmittit, quare etiam citra omnem musculi distinctionem, in uenis duntaxat caua apparet. *V*ena autem reflecta, & mucosa quibusdam membranulis ademptis, ille occurrit musculus, quem *D* insignitus, & etiam unus qui à prima thoracis costa, in anteriorem transuersorum processum ceruicis uerterbrarum sedem insertus, *C* in octaua musculorum tabula notatur.
- I** Clauicula anterior sedes, quae excarnis occurrit.
- K** Musculus brachium attollens, cuius principium à clauicula, summo humero, et scapulae spinae nascitur, atq; hic ipsius parti spectatur, à clauicula & summo humero pronata.
- L** Musculus brachium pectori adducens.
- M** Pectoris os excarne apparens, nam musculi pectori brachium adducens ad ossis latus, primum





TAVOADOPO
TODEMACVA







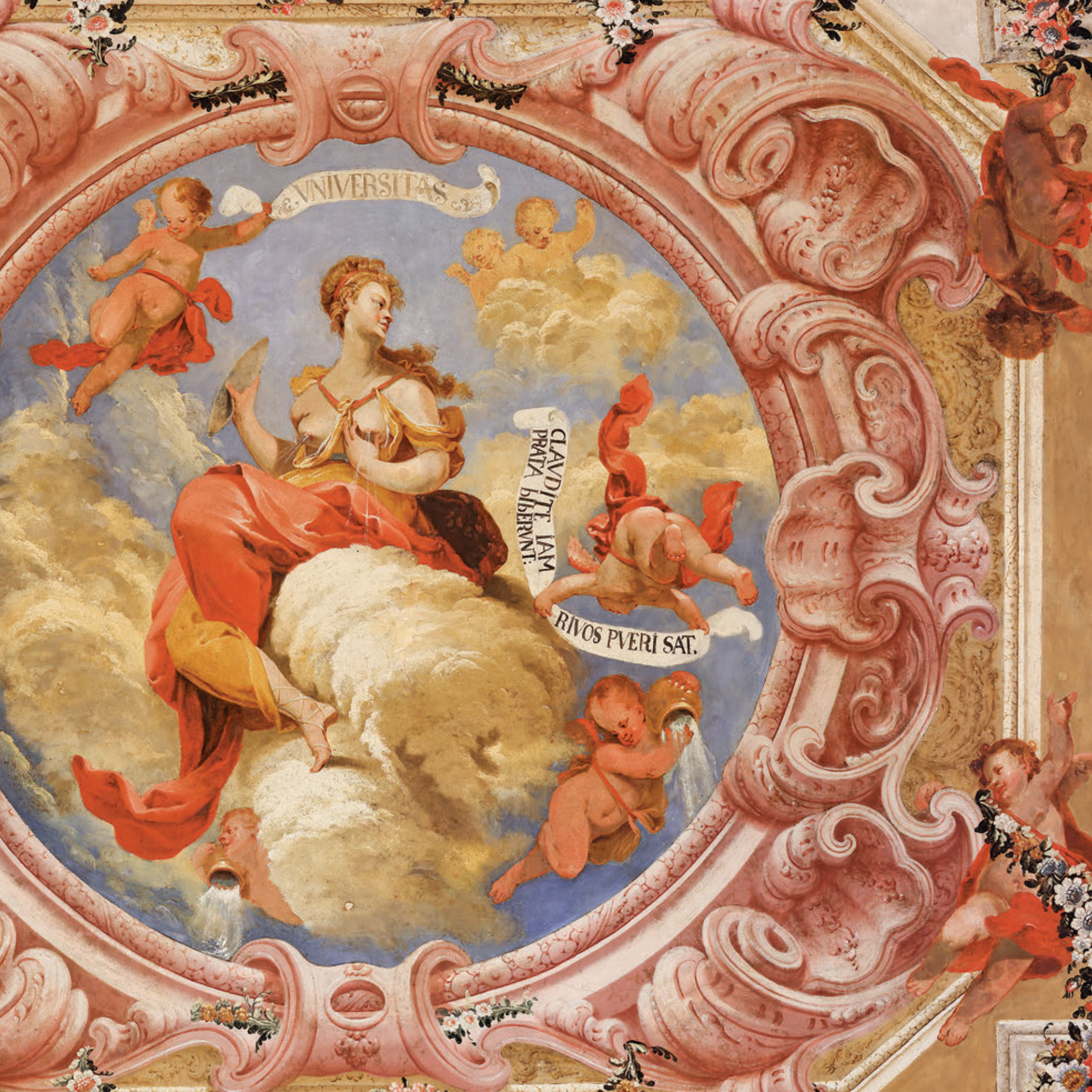










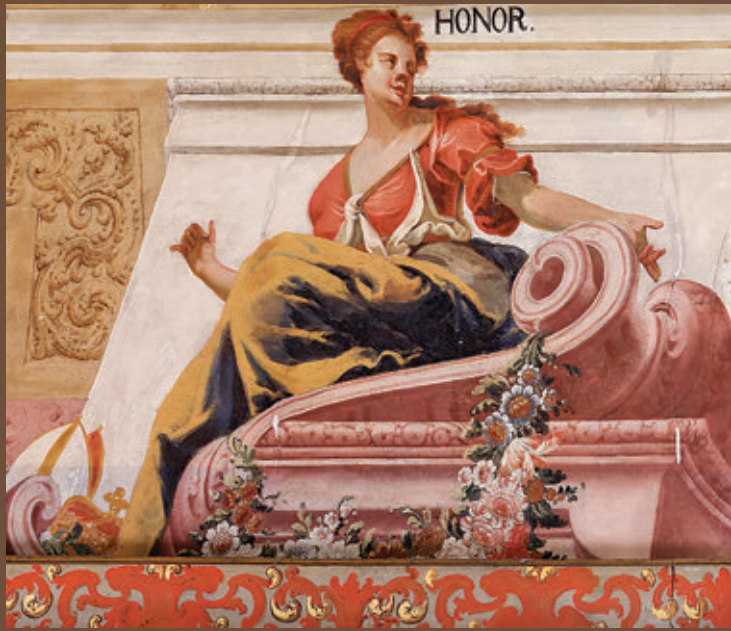


VNIVERSITAS

DAVIDITE IAM
PRAVA BIBERUNT

RIVOS PVERI SAT.





































CRITICA
SACRI

CRITICA
SACRI

CRITICA
SACRI



PEREGRINACAM
DE FERNAM MENDEZ
PINTO.

EM QUE DA CONTA DE MUYTAS E MUY-
to eſtranhas couſas que viu & ouiu no reyno da China, no da Tar-
taria, no do Sornau, que vulgarmente ſe chama Sião, no do Calami-
nhan, no de Pegu, no de Martauão, & em outros muytos reynos
& ſenhorios das partes Orientais, de que neſtas noſſas
do Occidente ha muyto pouca ou
nenhũa noticia.

ETAMBEM DA CONTA DE MUYTOS CASOS PARTI-
culares que aconſecerão aſsi a elle como a outras muytas perſoas. E no fim della trata bre-
uemente de algũas couſas, & da morte do ſanto Padre meſtre Francisco Xavier,
única luz, & reſplandor daquellas partes do Oriente, & Reſtor
nellas vniuerſal da Companhia de Jeſus.

Eſcrita pelo meſmo Fernão Mendez Pinto.

Dirigido à Catholica Real Mageſtade del Rey dom Felippe o III,
deſte nome noſſo Senhor.



Com licença do ſanto Officio, Ordinariõ, & Paço.

EM LISBOA. Por Pedro Grasbeeck. Anno 1614.

A cuſta de Belchior de Faria Caualeyro da caſa del Rey noſſo
Senhor, & ſeu Liureyro. Com privilegio Real.

Eſtã taixado eſte livro a 600 reis em papel.

















REGIA, QUAM CERNIS, SPE
IN SPECVLO TOTVM, QV
QVOCQVE AVGVSTA PATEN
CONDIDIT, AETERNVM PE



































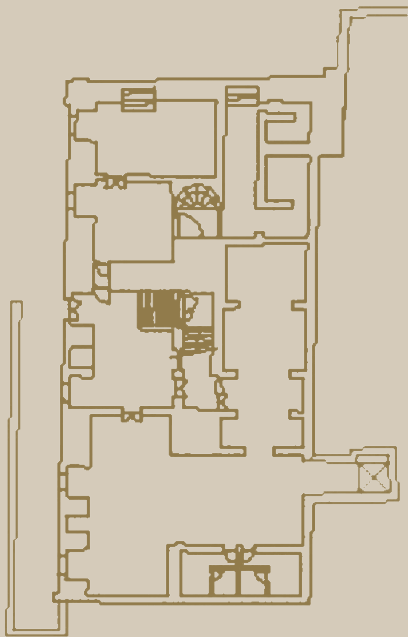










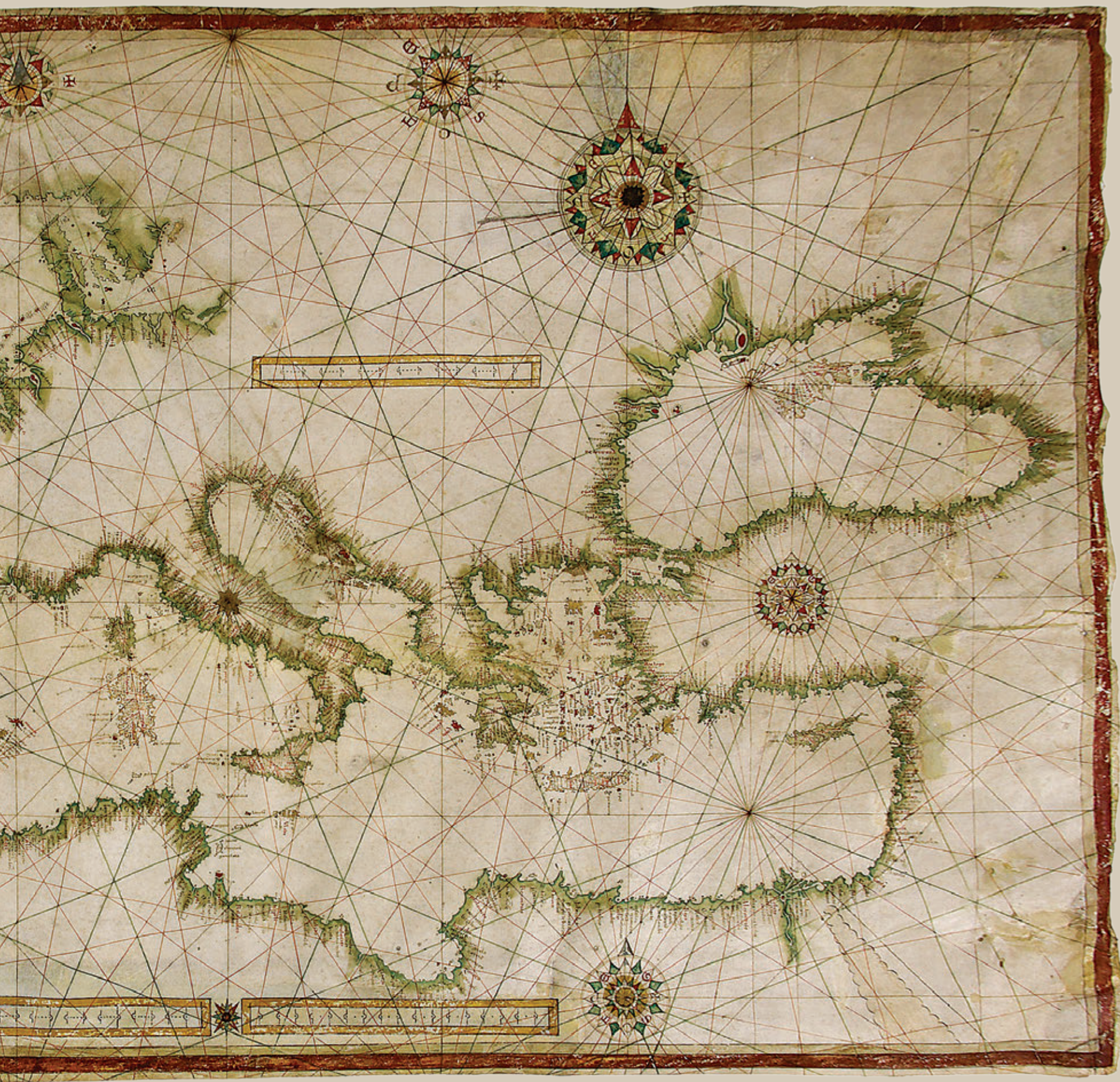






















LEGENDAS
CAPTION

p 5

Super-libros do mocho, do século XVIII. É uma marca de posse bibliográfica gravada nas capas dos livros ou como carimbo nas páginas interiores.

18th century super-libros of owl, indicating ownership of a book, engraved onto the covers or stamped on inner pages.

p 6-7

Panorama de 360° do Pátio da Universidade de Coimbra. A Biblioteca Joanina é o edifício mais à esquerda.

360° panoramic view of Coimbra University courtyard. King John's Library is the building on the far left.

p 8-9

Vista geral da Biblioteca Joanina enquadrada no conjunto arquitectónico da Universidade.

General view of King John's Library framed by the University buildings.

p 44-45

Portal da Biblioteca Joanina em estilo clássico. O vão, aberto em arco de volta perfeita, é ladeado por colunas jónicas que apoiam o entablamento e é encimada por pedestais, um para cada coluna, coroados por urnas ovaladas que enquadram o medalhão, engrinaldado e rico de enconchados, que ostenta as armas de Portugal e é sobrepujado pela grande coroa do Rei.

Doorway to King John's Library in the Classical style. The round arch is flanked by Ionian columns which support the entablature, topped by pedestals, one for each column, crowned with oval-shaped urns which frame the elaborately decorated medallion bearing the arms of Portugal. Above this is the grand crown of the King.

p 45

A legenda no friso do entablamento do portal da Biblioteca diz: *Tal sede aos livros deu Coimbra augustal Que a fronte lhe coroa a biblioteca.*

The inscription on the frieze on the entablature over the door of the Library reads: *This seat for books has august Coimbra given/ Whose front crowns the library.*

p 45

A legenda por baixo da arquivolta, sobre a porta de entrada, diz: *Da sapiência, ó lusos, eis o alcácer, / Onde por capitães os livros tendes, / Por armas e soldados a fadiga.*

The inscription beneath the archivolt over the entrance door reads: *Behold, O Lusitanians, this fortress of wisdom, / Where for captains you have books, / For arms and soldiers, fatigue.*

p 46

Pormenor do portal: raspador de lama do calçado. Detail of the doorway: shoe scraper.

p 47

Pormenor do portal: capitel de uma das colunas jónicas.

Detail of the doorway: capital of one of the Ionian columns.

p 48

Pormenor do portal: base de um dos ornamentos no intradorso do vão.

Detail of the doorway: base of one of the ornaments on the intrados of the arch.

p 49

Pormenor do portal: arquivolta.

Detail of the doorway: archivolt.

p 50

Pormenor do portal: enconchados no medalhão que encima o pórtico.

Detail of the doorway: shell shapes on the medallion above the portico.

p 51

Urnas ovaladas que decoram a cornija.

Oval-shaped urns decorating the cornice.

p 52-53

Reprodução da fotografia do interior da Biblioteca Joanina incluída no album *Monumentos Architectonicos de Coimbra* com fotografias por colódio húmido do inglês Charles Thurston Thompson, 1866. (Cota R-69-16/16 A)

Reproduction of the photograph of the inside of King John's Library included in the album *Monumentos Architectonicos de Coimbra* with wet-plate collodion photographs by the Englishman Charles Thurston Thompson, 1866. (Classification No. R-69-16/16 A)

p 55

Perspectiva da Biblioteca a partir da Sala I vendo-se as três salas separadas pelas arcadas e o retrato do rei D. João V ao fundo.

View of the Library from Room I, showing the three rooms separated by arcades and the portrait of King John V at the bottom.

p 56

Sala I: vista geral do lado sul.

Room I: general view of the southern side

p 57

Sala I: vista geral do lado norte.

Room I: general view of the northern side

p 58-59

Sala I: mesa ("bufete") do lado norte em ébano esculpido com embutidos e ornamentos em petiá.

Sala I: Table on the northern side in carved ebony with petia inlays and ornaments.

p 60

Sala I: pormenor de uma das pernas exteriores da mesa.

Room I: detail of one of the outer legs of the table

p 61

Sala I: pormenor dos embutidos de petiá no tampo da mesa, e tinteiro de bronze polido.

Room I: detail of petia inlays on the table top and polished bronze inkwell.

p 63

Sala I: Estantes n.º 1 e n.º 2, galeria.

Room I: Bookcases Nos 1 and 2, gallery.

p 64

Bíblia hebraica. Manuscrito em pergaminho atribuível à escola de calígrafos de Lisboa da segunda metade do século xv. Algumas anotações e pertences relacionam-na com a família Abravanel sendo, por isso, conhecida por "Bíblia de Abravanel".

Hebrew Bible. Parchment manuscript attributed to the Lisbon school of calligraphy (second half of the 15th century). Some annotations and marks relate it to the Abravanel family, hence it is known as the "Abravanel Bible".

p 65

Bíblia hebraica antiga ou "Bíblia de Abravanel". Pormenor da decoração mostrando que as linhas dos desenhos são compostas por texto.

Old Hebrew Bible or "Abravanel Bible". Detail of decoration showing that the lines of the designs are composed of text.

p 66

Primeira página do primeiro volume da Bíblia latina dita das 48 linhas, impressa em Mogúncia (Mainz) pelos sócios de Gutenberg, Johannes Fust e Petrus Schoeffer, em 1462.

First page of the first volume of the Latin bible

known as the 48-line bible, printed in Mainz by the Gutenberg partners, Johannes Fust and Petrus Schoeffer in 1462.

p 67

Sala I: Pormenor das obras completas de Voltaire na Prateleira n.º 14 da Estante n.º 1, galeria.

Room I: Detail of the complete works of Voltaire on Shelf No. 14 of Bookcase No. 1, gallery.

p 68

Sala I: Composição com *chinoiseries* mostrando a parte inferior de um alçado lateral das estantes da galeria. Em cada estante da galeria a parte lateral é composta por várias almofadas decoradas com *chinoiseries*. Nesta composição pretende-se ilustrar a beleza que a justaposição das sucessivas almofadas confere a uma parte tão anódina da estante. As *chinoiseries* apresentadas são provenientes de vários alçados pelo que esta composição particular não se pode encontrar na Biblioteca. As pinturas e dourados das estantes, varandas e colunas, são do artista conimbricense Manoel da Silva.

Room I: Composition with *chinoiseries*, showing the lower part of the side of the bookcases in the gallery. The sides of each bookcase in the gallery are composed of various panels decorated with *chinoiseries*. This composition aims to illustrate the beauty given to such an unassuming part of the bookcase by the juxtaposition of successive panels. The *chinoiseries* are taken from various pieces, which means that this particular composition is not found anywhere else in the Library. The paintings and giltwork on the bookcases, balconies and columns are by the Coimbra artist, Manoel da Silva.

p 68

Sala 1: *Chinoiseries* de almofadas laterais da (da

esquerda para a direita e de cima para baixo): Estante No. 8, galeria Estante No. 8, galeria Estante No. 9, galeria Estante No. 8, galeria Estante No. 7, galeria Estante No. 11, galeria Estante No. 11, galeria

Room 1: *Chinoiseries* on the side panel of (from left to right and top to bottom): Bookcase No. 8, gallery Bookcase No. 8, gallery Bookcase No. 9, gallery Bookcase No. 8, gallery Bookcase No. 9, gallery Bookcase No. 8, gallery Bookcase No. 7, gallery Bookcase No. 11, gallery Bookcase No. 11, gallery

p 69

Sala I: Balaustré e *Chinoiserie* lateral da Estante n.º 1, galeria.

Room I: Balluster and *chinoiserie* on the side of Bookcase No. 1, gallery.

p 70

Sala I: Interior do Gabinete n.º V. Pela janela pode ver-se o rio Mondego.

Room I: Inside Office No. V. The River Mondego can be seen through the window.

p 71

Sala II: Escada de acesso à galeria no interior das arcadas.

Room II: Staircase leading to the gallery inside the arcades.

p 72-73

Vita Christi, primeiras páginas do terceiro livro do primeiro incunábulo ilustrado português. Impresso em Lisboa, em 1495 pelo tipógrafo Valentim de Morávia em associação com Nicolau de Saxónia.

Life of Christ, first pages of the third book of the first illustrated Portuguese incunabulum. Printed in Lisbon in 1495 by Valentim de Morávia in association with Nicolau de Saxónia.

p 74

Sala I: Os tectos das três salas devem-se aos mestres António Simões Ribeiro (pintor) e Vicente Nunes (dourador). O efeito *trompe-l'oeil* cria a ilusão de maior altura. A matrona central representa a Universidade a receber os livros da ciência conduzidos por anjinhos. As quatro figuras femininas na sanca representam os continentes.

Room I: The ceilings of the three rooms are by António Simões Ribeiro (master painter) and Vicente Nunes (master gilder). The *trompe-l'oeil* effect creates the illusion of greater height. The matron in the centre represents the University receiving learned books brought by angels. The four female figures represent the continents.

p 75

Sala I: Pormenor do tecto: figura central com a Universidade a receber os livros da ciência conduzidos por anjinhos. Observam-se duas legendas: à esquerda numa fita: FELICES ORNENT HÆC INSTRVMENTA LIBELLOS (*Estes ornatos decoram os felizes livros*); e à direita, num pergaminho, BIBLIOTECÆ IMAGO (*Representação da Biblioteca*).

Room I: Detail of the ceiling: central figure showing the University receiving the learned books brought by angels. There are two inscriptions: on the left on a ribbon: FELICES ORNENT HÆC INSTRVMENTA LIBELLOS (*These ornaments adorn the fortunate books*); and on the right, BIBLIOTECÆ IMAGO (*Representation of the Library*).

p 76

Sala I: Pormenor do tecto: figura feminina representando a África.

Room I: Detail of the ceiling: female figure representing Africa.

p 76

Sala I: Pormenor do tecto: figura feminina representando a Ásia.
Room I: Detail of the ceiling: female figure representing Asia.

p 77

Sala I: Pormenor do tecto: figura feminina representando a Europa.

Room I: Detail of the ceiling: female figure representing Europe.

p 77

Sala I: Pormenor do tecto: figura feminina representando a América.

Room I: Detail of the ceiling: female figure representing America.

p 78

Sala II: vista geral do lado sul.

Room II: general view of the southern side

p 79

Sala II: vista geral do lado norte.

Room II: general view of the northern side

p 80-81

Sala II: mesa ("bufete") do lado norte em gandarú esculpido com embutidos e ornamentos em petiá.

Room II: table on the northern side in carved gandarú with petia inlays and ornaments.

p 82

Sala II: ornamento em latão numa das pernas da mesa.

Room II: brass ornament on one of the table legs.

p 83

Sala II: Estante n.º 10, galeria.

Room II: Bookcase No. 10, gallery.

p 84-85

A primeira tábua ilustrando a musculatura, *De humani*

corporis fabrica de Andreas Vesalius, Basileia, 1543.

The first plate illustrating musculature, *De humani corporis fabrica* by Andreas Vesalius, Basel, 1543.

p 86

Sala II: Carantonha com argola que encabeça a barra de apoio para as escadas embutidas nas estantes da galeria (Estante n.º 3).

Room II: Grotesque head with ring on the support bar for the ladders inserted into the bookcases in the gallery (Bookcase No.1)

p 87

Sala II: Estantes n.º 1 e n.º 2 da galeria onde se pode ver a escada de acesso às prateleiras no seu apoio e pronta a ser usada.

Room II: Bookcases Nos. 1 and 2 of the gallery, showing the ladder giving access to the shelves, ready for use.

p 88-89

Tábua dos Roteiros de D. João de Castro. É o único manuscrito que inclui os desenhos que ilustravam os Roteiros "de Goa e Diu" (1538-1539) e o "Roteiro do Mar Roxo" (1540) deste vice-Rei da Índia.

Plate from the *Logbook (Roteiros)* of D. João de Castro. This is the only manuscript that includes the drawings that illustrated the logbooks of the routes *From Goa to Diu* (1538-1539) and the *Red Sea Route* (1540) by this Viceroy of India.

p 91

Sala II: Livros de teatro no Estante n.º 1, prateleira n.º 6, galeria.

Room II: Books of theatre on Bookcase No. 1, Shelf No. 6.

p 92-93

Sala II: Estante n.º 14, prateleiras n.º 4, n.º 10 e n.º 12.

Room II: Bookcase No. 14, Shelves Nos. 4, 10 and 12.

p 94

Sala II: A entrada do gabinete dos Cimélios na Estante n.º 13 vendendo-se a varanda da galeria e parte do tecto.

Room II: The entrance to the Rare Books Office in Bookcase No. 13, showing the balcony of the gallery and part of the ceiling.

p 95

Sala II: Estante n.º 12.

Room II: Bookcase No. 12.

p 96

Sala II: Neste tecto a matrona central representa a Sabedoria. As quatro figuras femininas na sanca personificam a Honra, a Virtude, a Fortuna e a Fama.

Room II: On this ceiling, the central matron represents Wisdom. The four female figures on the mouldings personify Honour, Virtue, Fortune and Fame.

p 96-97

Sala II: Pormenor do tecto: figura central representando a Sabedoria com a mão direita junto ao seio e na esquerda uma lima indicativa do apuro e sentido crítico da investigação científica e filosófica. Num anjinho acima vê-se uma fita com a legenda: VNIVERSITAS; e à direita uma fita com o versículo: CLAVDITE IAM RIVOS PVERI SAT, PRATA BIBERVNT (*Fechai, meninos, as represas que os prados já beberam bastante*).

Room II: Detail of the ceiling: central figure representing Wisdom with her right hand on her breast and in her left, a file, representing the refined critical sense of scientific and philosophical investigation. On one of the angels above, there is a ribbon bearing the following inscription: VNIVERSITAS and, on the right, a ribbon with the verse: CLAVDITE IAM RIVOS PVERI SAT, PRATA BIBERVNT

(*Close the dams, children, for the meadows have drunk enough*).

p 98

Sala II: Pormenor do tecto: figura feminina representando a Fortuna com os seus símbolos principais: além dos olhos cerrados pode ver-se uma roda de raios e uma cornucópia. Um pormenor curioso na cabeça em que os cabelos representam um segundo rosto: a boa e a má fortuna.

Room II: Detail of the ceiling: female figure representing Fortune with her main symbols: she is blindfold, with a wheel and cornucopia. A curious detail is that the hair on her head represents a second face - good and bad fortune.

p 98

Sala II: Pormenor do tecto: figura feminina representando a Fama com a cabeça alada e tocando a sua trombeta apoiada na mão direita, e segurando uma outra na mão esquerda.

Room II: Detail of the ceiling: female figure representing Fame with winged head, blowing a trumpet held in her right hand and holding another in her left.

p 99

Sala II: Pormenor do tecto: figura feminina representando a Honra de mãos estendidas, em sentido divergente, e envergando uma saia amarela. Aos pés, nota-se a dignidade eclesiástica (mitra e cruz episcopal), a realeza (cetro) e as artes e as ciências.

Room II: Detail of the ceiling: female figure representing Honour with hands outstretched in opposite directions and wearing a yellow skirt. Note the symbols at her feet of ecclesiastic status (mitre and episcopal cross), royalty (sceptre) and the arts and sciences.

p 99

Sala II: Pormenor do tecto: figura feminina representando a Virtude revestida de uma túnica branca, símbolo de castidade.

Room II: Detail of the ceiling: female figure representing Virtue dressed in a white tunic, symbol of chastity.

p 100-101

Sala II: vista geral em direcção à Sala III a partir da galeria.

Room II: general view towards Room III from the gallery.

p 102

Sala III: vista geral do lado sul.

Room III: general view of the southern side

p 103

Sala III: vista geral do lado norte.

Room III: general view of the northern side

p 104-105

Sala III: Panorâmica do corredor da galeria do lado norte.

Room III: Panoramic view of the handrail running along the gallery on the northern side.

p 106-107

Sala III: mesa ("bufete") do lado norte em ébano esculpido com embutidos e ornamentos em petiá.

Room III: table on the northern side in carved ebony with petia inlays and ornaments.

p 108

Sala III: ornamento em petiá na perna interior da mesa.

Room III: petia ornament on the inside leg of the table.

p 109

Sala III: pormenor da decoração na parte inferior da mesa.

Room III: detail of decoration on the lower part of the table.

p 110

Sala III: ornamento da mesa em petiá.

Room III: petia ornament on the table

p 111

Sala III: ornamento em petiá na perna exterior da mesa.

Room III: ornament in petia on the outside leg of the table.

p 112-113

Sala III: o tampo da mesa do lado sul com embutidos em petiá, ladeada por bancos, em pau santo, utilizados originalmente pelos utentes de leitura.

Room III: the top of the table on the southern side with petia inlays, flanked by benches in guayacan (*'lignum vitae'*), originally used for reading.

p 114-115

Manuscrito do Padre Bartolomeu de Gusmão, *Petição do Padre Bartolomeu Lourenço, sobre o instrumento que inventou para andar pelo ar, e suas utilidades*, 1709.

Manuscript of Father Bartolomeu de Gusmão, *Father Bartolomeu Lourenço's petition about the instrument he invented to move through air, and its uses*, 1709.

p 117

Sala III: pormenor de um dos pares de colunas de madeira que suportam a galeria e as estantes do andar superior.

Room III: detail of one of the pairs of wooden columns supporting the gallery and the bookcases on the upper floor.

p 118-119

Sala III: Estante n.º 21, prateleira n.º 16.

Room III: Bookcase No. 21, Shelf No. 16.

p 121

Página de rosto da primeira edição da *Peregrinação*, de Fernão Mendes Pinto, Lisboa, 1614.

Cover page of the first edition of *Pilgrimage* by Fernão Mendes Pinto, Lisbon, 1614.

p 122-123

Laçadas de suporte de livros ou fascículos.

Laces to hold together books or bundles.

p 125

Encadernação com marca de posse heráldica pintada da família dos Távora.

Binding bearing the heraldic mark of the Távora family.

p 126

Sala III: Composição com *chinoiseries* ilustrando a parte inferior de um alçado lateral das estantes da galeria. As *chinoiseries* apresentadas provêm de vários alçados pelo que esta composição particular não se pode encontrar na Biblioteca.

Room III: Composition with *chinoiseries*, showing the lower part of the side of the bookcases in the gallery. The *chinoiseries* are from various pieces, which means that this particular composition is not found anywhere else in the Library.

pg. 126

Sala III: *Chinoiseries* de almofadas laterais da (da esquerda para a direita e de cima para baixo): Estante No. 2, galeria Estante No. 3, galeria Estante No. 3, galeria Estante No. 4, galeria Estante No. 4, galeria Estante No. 8, galeria Estante No. 9, galeria Estante No. 9, galeria Estante No. 8, galeria

Room III: *Chinoiseries* on the side panel of (from left to right and top to bottom): Bookcase No. 2, gallery Bookcase No. 3, gallery Bookcase No. 3, gallery

Bookcase No. 4, gallery Bookcase No. 4, gallery Bookcase No. 8, gallery Bookcase No. 9, gallery Bookcase No. 9, gallery Bookcase No. 8, gallery

p 127

Sala III: Emblema alusivo ao ensino da Retórica.

Room III: emblem alluding to the teaching of Rhetoric.

p 128

Sala III: Pormenor do retrato de D. João V.

Room III: detail of portrait of King John V.

p 129

Sala III: O retrato de D. João V com a moldura imitando brocado de ouro e seis anjinhos nos apanhados das cortinas. O retrato é encimado pelas armas Reais sustentadas por quatro anjos.

Room III: The portrait of King John V with the frame imitating gold brocade and six angels securing the curtains. Above the portrait are the royal arms supported by four angels.

p 130-131

Sala III: Inscrição latina na base do retrato de D. João V onde se lê: "REGIA, QVAM CERNIS, SPECVLVM TIBI PRÆSTAT IMAGO:/ IN SPECVLO TOTVM, QVOD CAPIT AVLA, VIDES./QVÆQVE AVGVSTA PATENT, IOANNES ORDINE QVINTVS/CONDIDIT, ÆTERNVM PRINCIPE VIVAT OPVS" que pode ser traduzida por: "Neste regio retrato, como em espelho,/ Vêdes quanto este paço compreende./ Tudo o que de majestoso aqui se ostenta,/ Feito é de João Quinto. Eterna seja./ Como o nome do príncipe, a sua obra".

Room III: Latin inscription at the base of the portrait of King John V, reading: "REGIA, QVAM CERNIS, SPECVLVM TIBI PRÆSTAT IMAGO:/ IN SPECVLO TOTVM, QVOD CAPIT AVLA, VIDES./QVÆQVE AVGVSTA PATENT,

IOANNES ORDINE QVINTVS/CONDIDIT, ÆTERNVM PRINCIPE VIVAT OPVS", which may be translated as: "In this royal portrait, as in a mirror,/ You shalt see how much this space encompasses./All that is majestic here on display./ Is made of John the Fifth. Let his work be eternal./Like the name of the prince."

p 132-133

Sala III: três dos anjinhos da moldura do retrato de D. João V.

Room III: three of the angels in the frame of portrait of King John V.

p 134-135

Sala III: o retrato de D. João V enquadrado pelas estantes da galeria e pelo tecto.

Room III: portrait of King John V framed by the bookcases of the gallery and the ceiling.

p 136-137

Sala III: perspectiva invulgar da galeria e do tecto.

Room III: unusual view of the gallery and ceiling.

p 138-139

Sala III: Neste tecto a Sabedoria encontra-se rodeada de anjinhos que abraçam ramos de loureiro. As quatro figuras femininas na sanca personificam Musas com os atributos das ciências a que presidiam.

Room III: This ceiling shows Wisdom surrounded by angels embracing laurel boughs. The four female figures on the moulding personify the Muses, with the attributes of the branches of knowledge over which they preside.

p 138

Sala III: Pormenor do tecto: composição central com a Sabedoria segurando a tónica com a mão direita e com a esquerda estendida para anjinhos que seguram um ramo de loureiro com livros dourados pendurados. Na fita que circunda

a nuvem pode ler-se "DABITVR TELLVRIS OPERTA SVBIRE AVRICOMOS/SIQVIS DECERCEPRIT ARBORE FCETVS. Virg. ÆNED". A citação original pode ser traduzida por "é impossível penetrar nos segredos da Terra antes de colher da árvore (da ciência) os ramos com folhagem de ouro". No topo da composição um anjinho segura uma faixa onde se lê "ENCICLOPEDIA"

Room III: Detail of the ceiling: central composition with Wisdom securing her tunic with her right hand, and the left outstretched towards the angels, who hold a laurel branch with books hanging off it. On the ribbon surrounding the cloud can be read: DABITVR TELLVRIS OPERTA SVBIRE AVRICOMOS/SIQVIS DECERCEPRIT ARBORE FCETVS. Virg. ÆNED. The original quotation may be translated as "It is impossible to penetrate the secrets of the earth before gathering the golden foliage of the tree (of knowledge)". At the top of the composition, an angel holds a strip reading "ENCICLOPEDIA".

p 140

Sala III: Pormenor do tecto: NATURA, figura feminina representando as Ciências da Natureza com uma pomba na mão direita que segura no bico uma fita com a legenda: "TEMPORIBVS MEDICINA VALET, OVID. D. REMED. AMORIS 27", na mão esquerda encontra-se uma faixa com o dístico: "MATHEMATICÁ ET PHILOSOPHIÁ CÆLUM ET TERRAM CIRCUVIVI SOLA" que se pode traduzir por "Abrangi o Céu e a Terra apenas com a Matemática e a Filosofia".

Room III: Detail of the ceiling: NATVRA, female figure representing the Sciences of Nature, with a dove in her right hand that is holding a ribbon bearing the inscription: TEMPORIBVS MEDICINA VALET, OVID. D. REMED.

AMORIS 27, while in her left hand is a strip with the verse: MATHEMATICÁ ET PHILOSOPHIÁ CÆLUM ET TERRAM CIRCUVIVI SOLA, which could be translated as "I have encompassed the Heavens and the Earth with only Mathematics and Philosophy"

p 140

Sala III: Pormenor do tecto: ARS, figura feminina representando as Artes segurando na mão direita uma esfera armilar e uma fita com a legenda: "OMNES GRAMMATICOS Q RETHORAS Q MONEO, MARC EPIST. 57" que se pode traduzir por "Advirto todos os Gramáticos e Retóricos", na mão esquerda segura uma faixa onde se lê "MVSICA OBLETAT ET ALLICIT" - "A Música deleita e seduz"

Room III: Detail of the ceiling: ARS, female figure representing the Arts, holding an armillary sphere in her right hand and a ribbon bearing the inscription: OMNES GRAMMATICOS Q RETHORAS Q MONEO, MARC EPIST. 57, which may be translated as "I advise all Grammararians and Rhetoricians", and in her left hand, a strip reading MUSICA OBLETAT ET ALLICIT - "Music delights and seduces"

p 141

Sala III: Pormenor do tecto: SACRA PAGINA, figuras femininas representando a Teologia e Cânones. Uma ostenta a cruz latina, na mão direita, e a outra uma tiara na mão esquerda e uma fita na direita com o seguinte dístico: "EN NOBIS THEOLOGIAM ET CANNONES AD DOMVS" que se traduz por "Aqui temos na sua morada a Teologia e os Cânones"

Room III: Detail of the ceiling: SACRA PAGINA, female figures representing Theology and Canon Law. One displays the Latin cross in her right hand, while the other has a tiara

in her left hand and a ribbon in her right, with the following verse: EN NOBIS THEOLOGIAM ET CANNONES AD DOMVS, which translates as “Here we have in your house *Theology and Canon Law*”.

p 141

Sala III: Pormenor do tecto: ASTRÆA, figura feminina representando a Justiça segurando, na mão esquerda, um facho incandescente, e um feixe de varas, atadas em diagonal, na mão direita. Numa fita suspensa pode ler-se “CÆLESTIVM TERRA ASTRÆA RELINQVIT, SENECA OTAV. 7-10” que resume alguns versos da Octávia, de Séneca, querendo significar que a Deusa da Justiça foi enviada do Céu à Terra, para governar o género humano com doçura.

Room III: Detail of the ceiling: ASTRÆA, female figure representing Justice holding, in her left hand, an incandescent torch and a bundle of sticks, bound diagonally in her right hand. On a suspended ribbon, we can read CÆLESTIVM TERRA

ASTRÆA RELINQVIT, SENECA OTAV. 7-10, which summarizes some lines of Octavia, by Seneca, meaning that the Goddess of Justice was sent from Heaven to Earth to govern mankind with sweetness.

p 142-143

Sala III: vista geral a partir da galeria.

Room III: general view from the gallery.

p 144-145

Composição dos três tectos das salas e dos arcos de ligação entre estas. Esta imagem não corresponde a nenhuma perspectiva real uma vez que foi obtida a partir de cinco fotografias individuais obtidas sob cada um dos cinco elementos que a compõem (três tectos e dois arcos). Procura ilustrar uma perspectiva panorâmica de quem se desloque de um extremo ao outro da biblioteca olhando na vertical e para cima.

Composition of the three ceilings of the rooms and the connecting arches between them. This image does not correspond to any

real view as it was obtained by mounting five individual photographs obtained under each of the five elements that compose it (three ceilings and two arches). It attempts to illustrate a panoramic view of someone moving from one end of the library to the other, looking vertically upward.

p 147

Sala IV: Escada de acesso à entrada da prisão académica.

Room IV: Staircase leading to the entrance of the academic prison.

p 148-149

Sala IV: Vista geral do Depósito.

Room IV: General view of the Deposit.

p 151

Sala IV: Lamparina e escrivaninha.

Room IV: Lamp and writing desk.

p 152

Sala IV: Tabuleta com a numeração das estantes.

Room IV: Plaque indicating the numbering of bookcases.

p 153

Sala IV: Escada em espiral de acesso à prisão académica.

Room IV: Spiral staircase leading to the academic prison.

p 154-155

Prisão Académica: Entrada principal e o “Prelo do Galinha”. Trata-se de um prelo metálico fabricado em 1845 por Manuel Bernardes Galinha (mais conhecido pela construção do portão principal do Jardim Botânico), originalmente encomendado pela Universidade teve vários donos e usos até ser comprado pela Biblioteca da Universidade, cerca de 1866, para nele se imprimirem os seus primeiros catálogos. A porta à direita dá acesso a um depósito de livros.

Academic Prison: Main entrance and the Galinha Press. This is a metal printing press made in 1845 by Manuel Bernardes Galinha (better known

for the construction of the main gate of the Botanical Garden). It was originally commissioned by the University, but had various owners and users before being bought by the University Library in around 1866 so that it could print its first catalogues. The door on the right leads to a book deposit.

p 156

Prisão Académica: Porta de acesso intermédio em ferro.

Academic Prison: Intermediate access door in iron.

p 157

Prisão Académica: Porta de acesso intermédio em ferro e escadas em caracol para o piso superior (Sala IV).

Academic Prison: Intermediate access door in iron and spiral staircase to the upper floor (Room IV).

p 158-159

Carta-portulano de meados do século XVI
Navigational chart from the mid-16th century

p 160

Prisão Académica: Corredor de acesso às celas.

Academic Prison: Corridor leading to cells.

p 160-161

Prisão Académica: Cella.
Academic Prison: Cell.

p 162-163

Fachada sul onde se pode ver a acentuada verticalidade do edifício construído numa zona de grande desnível. A porta lateral dá acesso exterior à Prisão Académica e à direita pode ver-se o início da “Escada de Minerva”, escadaria de acesso a sudoeste construída na mesma época e de acordo com plano de Gaspar Ferreira.

Southern façade showing the sharp verticality of the building built on a very uneven ground. The side door offers access to the Academic Prison from the outside, and on the right is the start of the «Minerva Steps», a staircase leading southwest, built at the same time in accordance with a plan by Gaspar Ferreira.

As legendas foram elaboradas recorrendo, principalmente, à informação contida nas seguintes obras:

— José Ramos Bandeira, Universidade de Coimbra (Paço das Escolas e Casa dos Mellos). Instituto de Coimbra, IV Centenário da Instalação Definitiva da Universidade de Coimbra (1537-1937) Vol. 92.º, 2.ª e última parte, Gráfica de Coimbra, 1937.

— A. E. Maia do Amaral (coordenador), *Tesouros da Biblioteca Geral*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009,

These captions have been prepared drawing predominantly on the following works:

— José Ramos Bandeira, Universidade de Coimbra (Paço das Escolas e Casa dos Mellos). Instituto de Coimbra, IV Centenário da Instalação Definitiva da Universidade de Coimbra (1537-1937) Vol. 92.º, 2 and last part, Gráfica de Coimbra, 1937.

— A. E. Maia do Amaral (ed.), *Tesouros da Biblioteca Geral*, Coimbra: Coimbra University Press, 2009.

CRÉDITOS DAS IMAGENS INSERIDAS NO TEXTO

Fig. 2 - Biblioteca Nacional da República Checa.

Fig. 3 - *Arquivo Pitoresco*, tomo 8 (1865), p. 305

Fig. 4 - Biblioteca Nacional Austríaca.

Fig. 5 - Palácio Nacional de Mafra (fotografia de Luís Pavão-IPPAR)

Fig. 7 - Biblioteca Nacional de Portugal

Fig. 9 - Marc Bourgne, Christian Perrisin, *Barbe Rouge—L'Ombre du Démon*, Paris: Dargaud.

Fig. 10 - José Pires, *A Batalha do Bussaco*, Lisboa: Âncora Editora, 2010

CREDITS OF THE IMAGES INSERTED IN THE TEXT

Fig. 2 - National Library of the Czech Republic.

Fig. 3 - *Arquivo Pitoresco*, tomo 8 (1865), p. 305

Fig. 4 - Austrian National Library.

Fig. 5 - Mafra National Palace (photo of Luís Pavão-IPPAR)

Fig. 7 - National Library of Portugal

Fig. 9 - Marc Bourgne, Christian Perrisin, *Barbe Rouge—L'Ombre du*

Démon (Red Beard—Shadow of the Demon), Paris: Dargaud.

Fig. 10 - José Pires, *A Batalha do Bussaco (The Bussaco Battle)*, Lisboa: Âncora Editora, 2010

AGRADECIMENTOS

Idealizar um livro como este que agora se apresenta é, sem dúvida, aliciante, mas, concretizar a sua publicação só foi possível através de uma conjugação de vontades. Neste sentido, os autores desejam registar aqui o seu agradecimento a todos os que colaboraram neste projecto.

Ao Director da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Prof. Doutor José Augusto Bernardes e ao Director da Imprensa da Universidade de Coimbra, Prof. Doutor Delfim Leão, deixamos o nosso grande apreço pela forma como acarinham e apoiaram esta publicação. Ao Dr. António Maia do Amaral, Director Adjunto da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, agradecemos a simpatia e a paciência com que acompanhou o trabalho fotográfico sempre que foi necessário um guia conhecedor dos espaços e das obras da biblioteca da Universidade, assim como o trabalho de revisão do texto e legendas. Um agradecimento muito especial é ainda devido a todos os funcionários da Biblioteca Geral, particularmente os mais ligados à Biblioteca Joanina, sempre empenhados na ajuda e sempre orgulhosos da sua participação na salvaguarda e divulgação deste tesouro da Universidade de Coimbra. Por fim desejamos expressar os nossos agradecimentos aos Directores da Biblioteca Nacional da República Checa, da Biblioteca Nacional Austríaca, da Biblioteca Nacional de Portugal e do Palácio Nacional de Mafra por nos terem gentilmente cedido fotografias das respectivas Bibliotecas bem como a autorização para a sua utilização.

ACKNOWLEDGMENTS

Designing a book such as this one is undoubtedly an attractive proposition, but bringing it to publication was only possible through a joint effort of wills. Thus, the authors would like to thank here everyone that participated in the project.

To the Director of the University of Coimbra General Library, Prof. José Augusto Bernardes and to the Director of Coimbra University Press, Prof. Delfim Leão, we would like to express our great appreciation for the way in which they received and supported this publication. To Dr. António Maia do Amaral, Assistant Director of the University General Library, we thank for all the friendliness and patience with which he accompanied the photographic work, whenever a knowledgeable guide was required, and for the work of reviewing the text and captions. A very special thank-you is also due to all the staff of the General Library, particularly those most connected to King John's Library, always attentive in their duties and proud of their role in safeguarding and divulging this treasure of the University of Coimbra. Finally, we express our gratitude to the Directors of the National Library of the Czech Republic, the Austrian National Library and of the National Library of Portugal and the Mafra National Palace, for kindly supplying and giving permission to use photos of their Libraries.

Cólofon

Para esta edição da obra

Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra,

usámos o tipo *Adobe Garamond Pro.*

Biblioteca Joanina da Universidade de Coimbra,

foi impresso em *offset* sobre papel *couché silk* 150 grs,

e capa dura revestida a tela,

foi concluída a sua produção em Maio de 2014,

nas oficinas NSG - Novas Soluções Gráficas, Lda.

I
IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS
U

•

U



C •



Organização
das Nações Unidas
para a Educação,
a Ciência e a Cultura



Universidade de
Coimbra – Alta e Sofia
inscrita na Lista do Património
Mundial em 2013